



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA

VANIA LUCIA ALVES

**ENTRE *MÍDIAS*: “AS JORNADAS DE JUNHO” E O DEBATE SOCIAL  
SOBRE O BRASIL DE 2013**

CAJAZEIRAS – PB

2018

VANIA LUCIA ALVES

**ENTRE MÍDIAS: “AS JORNADAS DE JUNHO” E O DEBATE SOCIAL  
SOBRE O BRASIL DE 2013**

Monografia apresentada a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de grau de licenciado (a) em História.

Orientadora: Profa. Pós-Dra. Viviane Gomes de Ceballos

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

A474e Alves, Vania Lucia.  
Entre mídias: “as jornadas de junho” e o debate social sobre o Brasil de 2013 / Vania Lucia Alves. - Cajazeiras, 2018.  
60f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profª. Pós-Dra. Viviane Gomes de Ceballos.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Jornadas de junho. 2. Manifestações - Brasil. 3. Mídia. 4. Protestos.  
I. Ceballos, Viviane Gomes de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 316.485.22


## RESUMO

VANIA LUCIA ALVES

### ENTRE MÍDIAS: “AS JORNADAS DE JUNHO” E O DEBATE SOCIAL SOBRE O BRASIL DE 2013

Aprovada em: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ de 2018

#### BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Pós. Dra. Viviane Gomes de Ceballos (UACS/CFP/UFCG)

Orientadora

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. (Mariana Moreira Neto) (UACS/CFP/UFCG)

Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. (Israel Soares de Sousa) (UACS/CFP/UFCG)

Examinador

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. (Silvana Vieira de Sousa) (UACS/CFP/UFCG)

Examinador Suplente

CAJAZEIRAS – PB

2018

## RESUMO

As jornadas de junho em 2013 no Brasil foram caracterizadas como um movimento social. Nesse trabalho é apresentado alguns movimentos sociais que foram referência no nosso país e que serviram de base na minha pesquisa. As “Jornadas de Junho” tiveram uma grande repercussão no Brasil e no mundo, pois foi transmitida pelas mídias nacionais e internacionais e também pelas redes sociais. As mídias tradicionais apresentaram suas versões sobre o movimento, umas desqualificando os protestos e outras apoiando. Esse trabalho foi elaborado para mostrar como essas manifestações foram apresentadas na mídia, trazendo como enfoque principal o jornal “Folha de São Paulo”, e também as redes sociais. Esses protestos começaram de início somente por causa do aumento da tarifa dos transportes coletivos do estado de São Paulo, por iniciativa do MPL,(Movimento Passe Livre), que lutava pela tarifa zero nos transportes públicos, um aumento de \$ 0,20 centavos, foi questionado pelo MPL que convocou a população que estava sendo prejudicada com esse aumento para se unirem a eles e protestarem. Diante dessa iniciativa, as pessoas começaram a levar outras reivindicações aproveitando o momento de grande visibilidade da mídia para mostrarem suas indignações diante dos problemas que o país enfrentava. Diante de todo alvoroço, feito pelos protestos, veio a repressão por parte do poder público que ordenou a Polícia a reprimir os protestos, começaram então as cenas de violência que ocasionaram muitos problemas para a população, e para os patrimônios públicos. O foco principal desse trabalho é confrontar o que foi publicado nas mídias tradicionais com as postagens das mídias sociais e mostrar a opinião final sobre todos esses posicionamentos.

**Palavras-Chave:** Jornadas de Junho; Manifestações; Mídia; Protestos.

## ABSTRACT

The journey of June of 2013, were characterized as a social movement in this final paper presented some social that making mention about our country, that served as base to my research. The journey of June had a lot of repercussion in Brazil and in the world because were transmitted for the national and international media and also for the social media. The traditional media presented their version about the movement, some of them writing about the protest in a negative way and other of them supporting the cause. The final paper Project were created to show how these manifestations were presented in media bringing as the most important font the journal Folha de São Paulo and also the social media. These Project started only, is the begin because, of the rate increase of the collective transports from state of São Paulo, by initiative MPL ( free pass movement) that fighting for none rate in public transports this increase of 0,20 cents, was questioned for the MPL, that called the population who were being impaired with this decisions to fight and protest about their rights. With this initiative the people started to claim about the other problems that the country has using the international and national visibility, to showing that. This situation of protest, and manifestations brought the repression of the government that ordered the police to stop the protest and then the violence begun creating several problems to the population and to the public patrimony the principal focus of this final paper confront with was published by traditional media with post in social media and show the final opinion about these placement.

Word Keys: The Journey of June, Manifestations, Media, Protests.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>CAPÍTULO I</b> .....	16
<b>1- OS MOVIMENTOS SOCIAIS E REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DAS JORNADAS DE JUNHO 2013.</b> .....	16
1.1- Movimentos sociais: definição e discursos ao longo dos anos. ....	16
1.1.2- As Jornadas de junho como movimento social.....	19
1.2- As redes sociais na internet como produtora de um discurso reivindicatório. ....	21
1.2.1- As redes sociais e a #vemprarua. ....	24
1.3- As Jornadas de junho 2013: o olhar da mídia sobre os protestos.....	26
<b>CAPÍTULO II</b> .....	31
<b>2- AS JORNADAS DE JUNHO NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.</b> .....	31
2.1- A Folha de São Paulo e sua perspectiva sobre as manifestações.....	31
2.2- A mídia (A Folha de São Paulo) como promotora de um discurso nacional nas “Jornadas de Junho”. ....	36
2.3- As manifestações no Rio de Janeiro e em Brasília e o posicionamento da mídia impressa. ....	41
<b>CAPÍTULO III</b> .....	45
<b>3- A NACIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS PROTESTOS.</b> .....	45
3.1- A violência “justificada” nas páginas do jornal folha de são Paulo.....	45
3.2- Ativistas infiltrados, causa de todo vandalismo? .....	48
3.3- Manifestantes e policiais, opiniões que se divergem sobre as manifestações. ....	50
3.4- Um outro olhar sobre os protestos de Junho de 2013.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</b> .....	56
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	58

A minha **Mãe Fátima**, por todo amor que me foi dedicado.

Aos meus irmãos **Ivan e Rafaela** pelo amor que compartilhamos uma vida inteira.

A **Marcelo e Milena Formiga**, in Memoriam, pelo exemplo de perseverança que vocês tiveram até o fim na busca pelos sonhos. Jamais Esquecerei de vocês.

**COM AMOR DEDICO.**



## AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente pelo dom da vida, e por ter me proporcionado este momento lindo e sublime de está concluindo mais uma etapa na minha vida, Obrigada Deus, por ter mim dado forças nesse período. Eu não teria conseguido sem a sua ajuda.

A minha Mãe, minha guerreira, meu exemplo de mulher que me criou sozinha sendo Pai e Mãe ao mesmo tempo, mas nada faltou para mim e meus irmãos. E também por ter me incentivado para eu não desistir nesse período de curso. Obrigada Mãe, sem sua ajuda talvez eu tivesse desistido.

Aos meus irmãos Ivan e Rafaela, por terem compartilhado comigo esse momento e suportado minhas angustias quando eu falava que não ia conseguir. Obrigada amores, vocês são tudo para mim.

A minha Cunhada Rayana Karla, por ter mim apoiado em todo momento que precisei, me aconselhando a não desistir de meus sonhos. Obrigada por tudo.

Ao meu Cunhado Alan, pelo apoio e incentivo que me deu durante todo esse período. Obrigada por tudo.

Ao meu Pastor Jediael de Sousa e sua esposa Irmã Ione Graiff por terem me apoiado sempre que preciso da sua ajuda. Obrigada pastor e irmã Ione vocês são abençoados por Deus e moram no meu Coração.

Ao Pastor Valderino e sua esposa Irmã Marizeth, pelo apoio prestado a mim enquanto se encontravam em Pombal, muito obrigada Casal abençoado, vocês serão para sempre meus conselheiros, amo muito vocês.

A meus tios e primos que me apoiaram e torceram por mim, vocês moram no meu coração e sempre serei grata pelo apoio.

A minha Orientadora A professora Dr. Viviane Gomes de Ceballos, por tem me suportado esse tempo todo, pelos puxões de orelha que foram necessários para a construção desse trabalho, sou muito grata por tudo, para mim foi uma grande honra tem você como minha orientadora. Muito obrigada mesmo.

Aos meus colegas de turma que mim incentivaram durante o curso todo. Nunca esquecerei de vocês, nossa turma 2009.2 sempre foi elogiada pelos professores. Amo todos vocês.

Em fim a meus colegas de trabalho, do CAPS I de Pombal-PB, pelo incentivo e apoio durante a construção desse trabalho. Obrigada a todos. Amo vocês.

A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre, ou por uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em luta. Nas primeiras épocas históricas, verificamos, quase por toda parte, uma completa divisão da sociedade em classes distintas, uma escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga encontramos patrícios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores, vassalos, mestres, companheiros, servos; e, em cada uma destas classes, gradações especiais (MARX E ENGELS, Manifesto do Partido Comunista, 2001, p. 1).

## LISTA DE FIGURAS:

<b>IMAGEM 1:</b> Manifestante segurando faixa. Arquivo de Nicolau Soares.....	18
<b>IMAGEM 2:</b> Bandeira com frases de protestos. Fonte: Gerador memes.....	23
<b>IMAGEM 3:</b> Fonte: Cachoeira Brasil notícias.....	28
<b>IMAGEM 4:</b> Cartaz reivindica investimento em Saúde. Fonte: reprodução facebook.....	33
<b>IMAGEM 5:</b> Policiais e manifestantes em confronto. fonte ensaios de gênero, arquivo: Adriano Senkevics.....	34
<b>IMAGEM 6:</b> Prefeito Fernando Haddad. Fonte: DCM, Arquivo: Kiko Nogueira .....	38
<b>IMAGEM 7:</b> Manifestantes invadindo teto do Congresso. Fonte Opinião e análise. Arquivo: Marcelo Malheiros Cerqueira .....	42
<b>IMAGEM 8:</b> Policial ferido apontando arma para manifestantes. Fonte: Brasil 247. ..	44
<b>IMAGEM 9:</b> Policial agredindo cinegrafista. Fonte: UOL Notícias. Arquivo: Rodrigo Paiva. ....	46
<b>IMAGEM 10:</b> Confronto entre Manifestantes e Policiais. Fonte: arte folha UOL .....	49
<b>IMAGEM 11:</b> Carro de idoso é atingido por bomba na rua Bela Cintra (São Paulo)...	53

## INTRODUÇÃO

As “jornadas de junho”, como ficou conhecida as manifestações que tiveram início no dia 6 de junho de 2013 e tomaram as ruas da cidade de São Paulo por causa do aumento da tarifa do transporte público de 3,00 para 3,20, foi um dos maiores protestos que aconteceu na história do País, o aumento que causou toda a revolta foi de 20 centavos. Esse movimento começou por iniciativa do MPL (Movimento Passe Livre) que chamou a população para lutar pela redução da tarifa, eles também lutam pela tarifa zero nos transportes públicos.

Para SANTO (2014) “O transporte público devia ser pago pela prefeitura usando o dinheiro que são arrecadados dos impostos que não é pouco, e são suficientes manter os serviços dos transportes e melhorar a qualidade do serviço prestado a população”. Esses protestos logo tomaram conta do país inteiro e foi transmitido pela mídia nacional e internacional e teve grande repercussão na internet. O objetivo geral desse trabalho é descobrir qual a relação da grande mídia com esses movimentos que eclodiram no Brasil inteiro como um gigante que acorda depois de muitos anos adormecido.

Para AMARAL (2014, P. 9) “Ora o estopim é um curto-circuito, ora uma gota d’água: o fato é que em poucos meses ou horas o comportamento da sociedade pode mudar”. Segundo o autor, a população tem o poder de lutar pelos seus propósitos e mesmo não sendo atendidos os seus anseios ela vai à luta, e que ao mesmo tempo em que ela luta contra o governo ela pode de repente passar a defendê-lo.

As manifestações de junho de 2013 tiveram como característica o movimento social, as lutas de classes. Embora fossem escutados vários relatos de pessoas que esses protestos eram da elite. Na verdade, existiam gente de toda classe social inserida dentro dos protestos, cada uma lutando pela sua causa como podemos ver nesse trecho,

A presença dos movimentos sociais é uma constante na história política do país, mas ela é cheia de ciclos, com fluxos ascendentes e reflexos (alguns estratégicos, de resistência ou rearticulação face a nova conjuntura e as novas forças sociopolíticas em ação). O importante a destacar é esse campo de força sociopolítico e o reconhecimento de que suas ações impulsionam mudanças sociais diversas. O repertório de lutas que eles constroem, demarcam interesses, identidades, subjetividades e projetos de grupos sociais (GOHN, 2013, p. 5).

A autora mostra o significado de um movimento social e o que se pretende alcançar em cada um deles. Dentro do contexto social na qual está inserida as jornadas de

junho de 2013 o qual pretendo retratar ao longo desse trabalho. Fiz um recorte temporal de um período de 30 dias quando as manifestações estavam em grande vapor. Meu foco é mostrar como as mídias apresentaram essas manifestações para seu público, seja a mídia impressa (Jornal folha de São Paulo) ou digital (redes sociais), cada uma delas transmitiu de forma positiva ou negativa todos os protestos a tempo e a hora. As mídias tradicionais deram seu apoio ao governo, e o mesmo tentou reprimir o máximo os protestos com violência policial e de pessoas que se infiltravam entre os manifestantes para causar terror nas ruas. Nos objetivos eu busco fazer uma discussão sobre a opinião das pessoas nas ruas, pessoas essas que deram seus depoimentos sobre os protestos e que encontrei nas páginas do jornal folha de São Paulo alguns desses depoimentos, o que elas pensam sobre os protestos, e em que eles contribuem de pontos positivos e negativos para a população.

As jornadas de junho em 2013 foi um movimento que ganhou força a cada dia pois os protestos e repercutiam mais rápido devido ao acesso das redes sociais na internet, que conectavam pessoas de todos lugares do País. Assim com as redes sociais, a mídia tradicional fez sua cobertura. E assim como em outros movimentos sociais que aconteceu no Brasil ao longo dos anos esse movimento também trazia uma grande reivindicação da população para os problemas que afetavam o país e que para muita gente já não tinha solução. A pergunta que se fazia sobre as manifestações era se isso valia a pena, se um dia a população obteria resultados daquelas reivindicações, como fala a autora nesse trecho,

O que querem as multidões de junho de 2013? Antes de tudo, as suas demandas são morais: que o seu voto valha algo, que políticos corruptos sejam presos, que haja desmilitarização das PMs, que não se sintam humilhadas quando precisam recorrer aos serviços públicos e que haja redução nas distorções salariais e legais entre as categorias profissionais (VIANNA, 2013, p. 3).

Diante do que a autora ressalta no texto, podemos avaliar como uma crítica feita por algumas mídias tradicionais que não apoiavam os movimentos, quando o governo se sentiu pressionado tentou acalmar a população garantindo que solucionaria todos os problemas que os mesmos enfrentavam. A questão que coloco nesse trabalho é descobrir qual a relação que a mídia tem com esses movimentos denominados de jornadas de junho, levando em consideração os discursos produzidos no jornal Folha de São Paulo. Também comparar com discursos de outras mídias como as redes sociais, o meu principal foco é descobrir como essas mídias influenciaram os seus telespectadores durante os protestos e o que mudou na vida das pessoas que participaram diretamente desses protestos.

Diante do que foi exposto, para resolver todas essas questões apresentadas, esse trabalho será dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Os movimentos sociais e Redes sociais no contexto das jornadas de junho 2013”, faremos uma discussão sobre o que é movimento social, e citando alguns deles que aconteceram no Brasil desde a época da escravidão, onde surgiram as primeiras reivindicações pela libertação dos escravos depois o início da república, onde surgiram vários movimentos como o processo de industrialização, o movimento feminista, as diretas já, os caras pintadas, etc. Essa introdução sobre movimentos sociais fará com que o leitor possa entender minha proposta. Também faço uma breve introdução sobre as redes sociais na internet e como as jornadas de junho foram discutidas pelos usuários dessas redes e qual foi a contribuição das redes sociais nesses movimentos ressaltando que os outros que antecederam não tinham essa ferramenta.

Descobrir se o uso desse novo meio de comunicação deu maior força ao movimento, também comecei a apresentar o conteúdo da minha questão, as jornadas de junho 2013, como a mídia em geral começou a apresentá-la, mostrar todo o início, e discutir sobre as reivindicações da população contra a realização da copa do mundo que aconteceria no Brasil no ano de 2014, e a copa das confederações que estavam acontecendo no auge dos protestos.

No segundo capítulo, intitulado “As jornadas de junho nas páginas do Jornal Folha de São Paulo, pretendo trabalhar o meu foco principal que é como as jornadas de junho, apresentada nas páginas do Jornal folha de São Paulo e levando em consideração sua linha editorial, qual a relação desse jornal com o governo, como os repórteres desse impresso traz para seus leitores sobre as manifestações. Farei também uma observação sobre como o jornal apresenta a opinião dos políticos sobre os protestos e o que isso traria de negativo para as eleições que aconteceria no ano seguinte. Farei uma contextualização com o jornal o Globo e o Estado de São Paulo, mostrando qual a opinião de cada impresso sobre as manifestações de junho, e em que se diferencia das que são apresentadas no Jornal Folha.

No terceiro capítulo, intitulado “A nacionalização da violência nos protestos”, farei uma discussão sobre a violência nos protestos, toda violência que aconteceu, a repressão policial contra os manifestantes e dos manifestantes contra os policiais, as agressões contra os jornalistas e as depredações dos patrimônios públicos e do vandalismo que foi apresentado pela mídia. Mostrarei também o que as pessoas agredidas falam sobre as manifestações, a opinião dos manifestantes, policiais e jornalistas que foram agredidos

durante os protestos, o que cada um pensa sobre os acontecimentos, o que esses protestos deixaram de marcas positivas e negativas para cada cidadão.

## CAPÍTULO I

### 1-OS MOVIMENTOS SOCIAIS E REDES SOCIAIS NO CONTEXTO DAS JORNADAS DE JUNHO 2013.

#### 1.1-Movimentos sociais: definição e discursos ao longo dos anos.

Quando se houve falar em movimentos sociais, logo surge a ideia de badernas, violência, e outros tipos de desordem, mas na realidade essas ideias vêm de pessoas que não sabem o que é movimento social. Na verdade, podemos entendê-lo como uma busca do cidadão por seus direitos, a tudo que lhe é garantido pela constituição como moradia, saúde, educação, saneamento básico, segurança, etc.

Segundo Gohn (1995) “Pode-se denominar movimentos sociais como ações de formas coletivas de caráter sociopolítico, construídos por atores sociais de diferentes camadas e classes sociais”. Ou seja, esses atores em busca de interesses comuns, precisam de um ideal, como por exemplo, ser mulher e buscar direitos iguais dentro da sociedade. Isso gera uma demanda social com objetivos de politizar as questões de disputas para ganharem força nesses movimentos. Para enfatizar a questão dos movimentos sociais no Brasil, podemos levar ao início no tempo do Brasil colônia onde vivia-se a época da escravidão, de negros e índios, como fala a autora,

Desde o tempo do Brasil Colônia, a sociedade Brasileira é pontilhada de lutas e movimentos sociais contra a dominação, a exploração econômica e mais recentemente contra exclusão social. à memória histórica registra lutas de índios, negros, brancos e mestiços pobres que viviam nos vilarejos, e brancos pertencentes as camadas médias influenciados pelas ideologias libertárias contra opressão dos colonizadores europeus (GOHN, 1994, p. 5).

Como podemos ver esses movimentos sociais surgiram mesmo em uma época onde o poder predominava no País. Onde não existia sindicatos nem apoio político, até porque não existiam ainda os pequenos partidos que dizem que trabalham pelo povo. Essas pessoas que lutavam pela libertação dos escravos eram pessoas ligadas aos senhores de escravos, alguns até filhos desses senhores que não concordavam com o tipo de trabalho e castigo a qual eles eram submetidos. Podemos falar também sobre outros movimentos sociais que aconteceram depois que o Brasil passou a ser república. Nessa época, nos primeiros anos do século XX, as cidades começaram a crescer sem nenhuma estrutura onde começou a construir os cortiços na cidade grande e isso acarretou muitos



problemas pois essas pessoas que estavam chegando nas cidades eram rejeitadas pelos moradores daquele lugar como podemos ver nesse trecho,

Os movimentos sociais tradicionais foram historicamente marcados pelo surgimento do processo de industrialização e a divisão da sociedade entre classes sociais. Se por um lado tínhamos a classe burguesa dominadora, por outro havia o operariado explorado. Como reações às condições precárias de trabalho e ausência de direitos, surgiram nos países de capitalismo avançado, no século XIX, movimentos de trabalhadores em massa reivindicando direitos trabalhistas. Os atores políticos no cenário da sociedade civil foram os operários e os sindicatos (KROHLING, LACERDA, 2014, p. 4).

Na história em geral existem vários movimentos sociais que surgiram no mesmo contexto e trouxeram bons resultados. Podemos citar alguns como: movimento feminista, as “Diretas Já”, “Os Cara Pintadas”, esses são alguns que ganharam destaque na mídia e o apoio de sindicatos e grupos políticos. O movimento feminista que sua maior concentração no Brasil foi nas décadas de 70 e 80 foi um grande exemplo de movimento social onde as mulheres se uniram para defender seus direitos dentro de uma sociedade machista.

Para SOARES (1994, p. 3) “O movimento de mulheres nos anos 70 trouxe uma nova versão da mulher brasileira, que vai às ruas na defesa de seus direitos e necessidades e que realiza enormes manifestações de denúncia de suas desigualdades”, como fala a autora, as mulheres lutaram pela sua causa e pela causa de famílias humildes, na busca por creches para seus filhos, trabalhos com salários dignos, elas também lutaram contra a violência doméstica, essa luta contra violência sofrida pela mulher percorreu um grande tempo até a criação da Lei “Maria da penha<sup>1</sup>”, em 7 de Agosto de 2006. A luta feminina das décadas de 70 e 80 se diferencia do feminismo nos dias de hoje, pois as mulheres já conquistaram muitos direitos que naquela época não tinham.

Para GOSS e PRUDÊNCIO (2004, p. 7), “O movimento feminista provocou uma revisão a respeito da hierarquia entre os gêneros e politizou o espaço doméstico”. Para os autores, essa transformação se deu dentro do lar onde antes o homem era o único responsável pelo sustento da família e a mulher era somente para cuidar da casa e dos filhos, hoje a mulher tem seu espaço na política, nas empresas, ou seja, também é responsável pelas despesas e se sente menos inferior aos homens. Dentro do contexto social familiar, a mulher hoje é mais valorizada e respeitada no seu espaço de

---

<sup>1</sup> Lei MARIA DA PENHA, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>Acessado em: 03/05/18

convivência, mesmo assim com a fragilidade das leis que dão esses direitos as mulheres, muitas delas ainda têm seus direitos violados por uma sociedade machista que mesmo em pleno século XXI ainda existe no Brasil. “As Diretas já” que também foi um movimento que levou as pessoas a saírem as ruas e lutarem pelas eleições diretas para presidente da República. Esse movimento aconteceu no ano de 1984. Época em que o país vivia a ditadura militar e segundo BARBOSA (2013) “Os protestos do Diretas Já eclodiram em 1984 e tiveram participação de diversos setores da sociedade, reuniram milhares de pessoas nas ruas de todo o Brasil, inclusive artistas e intelectuais, como por exemplo Gilberto Gil e Milton Santos”. Esse movimento levou as pessoas a conquistarem o direito de escolher que governaria os destinos do País, a primeira eleição direta foi em 1989, mesmo o movimento tendo acontecido em 1984, pois o congresso não aprovou a ementa que garantia o voto direto para 1985. Outro movimento que eclodiu no Brasil e levou a população as ruas, foi “Os Caras Pintadas”, movimento liderado pelos estudantes que estavam insatisfeitos com o Presidente Collor, com a corrupção que estava acontecendo no País. Todos esses movimentos sociais giram em torno de um desejo por uma “democracia” que existia no País segundo a autora,

É perceptível que durante a ditadura o verdadeiro desejo de todos aqueles que se opunham ao sistema girava em torno de transformação na cultura política, ou seja, além das demandas coletivas – como, por exemplo, as eleições diretas- surgem as demandas individuais que não abrangem a sociedade como uma estrutura de totalidade. Isso quer dizer que os indivíduos passam a protestar por causas próprias, por questão de respeito a sua identidade e pelo direito de não serem discriminados culturalmente. São os casos dos movimentos éticos, de gênero, ambientais entre outros (BARBOSA, 2013. p. 26).

Os movimentos sociais que surgiram no final do século XX são denominados de novos movimentos sociais, dessa vez com outras reivindicações, novos atores políticos com outros objetivos a serem alcançados. Esses novos movimentos sociais também são entendidos como movimentos urbanos, que tem participações no orçamento democrático do Estado ou Município buscando melhorias para as ruas e Bairros, abastecimento de água e redes de esgotos.

O processo de profundas transformações na estrutura socioeconômica e no arcabouço político-institucional do País foi acompanhado do surgimento, a partir do final dos anos 70 e início dos anos 80, de novos atores sociais e de novas práticas político-culturais no contexto da ampliação e da vitalização da sociedade civil e da esfera pública, indicando que apesar da crise e da fragmentação social, formou-se um quadro fecundo de construção do espaço público brasileiro. O

surgimento de movimentos populares urbanos - de caráter plural e diversificado -, decorreu das lutas pela igualdade de acesso ao espaço urbano e aos bens e serviços públicos. Parcela desses atores sociais passou a expressar um discurso baseado na noção de *direitos da cidadania* de forma relativamente inédita para essas camadas sociais (FEDOZZI, 2008, p. 5).

Segundo o autor, esse período contribuiu para que essas questões fossem apresentadas pela população ao poder público, pois a democracia participativa que é apresentada no texto é uma forma de tentar resolver os problemas apresentados pela sociedade naquele momento, esses movimentos são vistos como um despertar da população para os serviços públicos que não são prestados de acordo com o que determina a lei orgânica dos municípios e a constituição Brasileira, e que o povo quer uma resposta do poder público a esse respeito.

### 1.1.2-As Jornadas de junho como movimento social.

A indignação popular represada no interior do transporte coletivo fomentou uma dinâmica de luta massiva que escapava a qualquer forma previamente estabelecida (ROUNIK, 2013, p. 12).



IMAGEM I: Manifestante segurando faixa. Arquivo Nicolau Soares.

<sup>2</sup> Ver link: <<https://observatoriosc.wordpress.com/tag/jornadas-de-junho/>>.

A imagem acima, mostra uma pessoa segurando uma faixa que mostra a busca pelo que é chamado de “poder popular”, enfatizando que a população está indignada de não poder resolver os problemas que estão acontecendo e saem as ruas para exigirem que seus anseios sejam atendidos, ou seja a população está exercendo seu direito de cidadão.

As manifestações acontecidas em junho de 2013 no Brasil foram caracterizadas como movimento social, onde as pessoas saem as ruas para exigirem e lutarem pelos seus direitos, como em outros movimentos sociais, existem nesses protestos: líderes de sindicatos, pequenos grupos políticos, pessoas independentes, estudantes e trabalhadores que saiam de suas casas ou mesmo do seu trabalho para no movimento apoiar e reivindicar direitos, garantias constitucionalmente adquiridas e que estavam sendo violadas. Assim como outros movimentos sociais que aconteceram no País ao longo da nossa História, os direitos que são questionados pela população são controlados pelo Estado.

Segundo GOHN (2004) “O Estado passa a regulamentar os direitos dos cidadãos e a restringi-los ou cassá-los em determinadas conjunturas históricas”. As pessoas revoltadas com a falta de compromisso dos políticos que governam os municípios, os Estados e o País, que foram eleitos para ocuparem altos cargos, a quem lhe deram confiança e desacreditando de que algo fosse feito para mudar os rumos do país, a população resolveu ir às ruas para fazer pressão. Segundo ROSA; NETO (2016), no Brasil, em junho de 2013, inesperadas manifestações tomaram proporções que já não se viam há mais de duas décadas, ou seja, a última manifestação acontecida no Brasil tinha sido os Caras Pintadas. Podemos destacar inicialmente sobre esse movimento que,

Os protestos ocorridos nesse período levaram às ruas centenas de pessoas e agrupamentos políticos, tendo como principal característica a participação de cidadãos e cidadãs não inseridos nos tradicionais movimentos sociais. Constatou-se nos diversos atos a presença marcante da juventude, principalmente estudantes universitários e secundaristas. As reivindicações escritas em cartazes feitos à mão foi uma marca importante dos atos de protestos demonstrando a diversidade de posições e pensamento sobre a realidade brasileira, assim como a ausência de uma direção única e de lideranças de movimentos sociais já conhecidos no cenário político coordenando tais atos, como estávamos acostumados a presenciar em momentos anteriores (MOREIRA, SANTIAGO, 2014, p. 14)

As manifestações ocorridas em junho de 2013, que ficaram conhecidas popularmente como Jornadas de junho, tiveram início em São Paulo trazendo primeiramente o aumento das passagens dos transportes públicos naquela cidade. Esses protestos foram liderados por estudantes do Movimento Passe Livre (MPL) “é um

movimento social autônomo, apartidário, horizontal e independente, que luta por um *transporte público de verdade*, gratuito para o conjunto da população e fora da iniciativa privada”.<sup>3</sup>Esse grupo saiu as ruas de São Paulo para protestar contra o aumento da passagem de Ônibus que passou de R\$ 3,00 para 3,20. O MPL lutava diariamente para implantar a “tarifa zero” nos transportes públicos nas grandes cidades, pois segundo o movimento, o transporte devia ser pago com o dinheiro arrecadado dos impostos pagos pelos Brasileiros, e todo cidadão tinha o direito ao acesso gratuito desses transportes. Como afirma os autores,

A Tarifa Zero é uma bandeira muito mais ampla e universal que o passe livre, pois quer garantir a todos os cidadãos o pleno direito à cidade pelo entendimento de que o transporte público é um serviço essencial, tão importante quanto a educação e a saúde (ARAUJO, ALVES FILHO, NUNES, 2014, p. 7).

O MPL (Movimento Passe Livre), responsáveis pela convocação dos primeiros atos contra o aumento da tarifa, se dizem apartidários e que não tem líder, todos os participantes podem tomar decisões. Eles se declaravam independentes de qualquer tipo de partido político ou ONGs. Os movimentos sociais de junho de 2013, mostraram que as pessoas têm autonomia para exigirem seus direitos, onde estavam sendo prejudicados por não ter uma saúde e uma educação de qualidade entre outros serviços prestado pelo Estado. Durante os protestos são apresentadas propostas de mudanças na administração do dinheiro público, de mais investimento com moradias, segurança, e que sejam criadas leis que acabem com a impunidade.

## **1.2-As redes sociais na internet como produtora de um discurso reivindicatório.**

A Internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto ao motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana (CASTELL, 2003, p. 3).

A internet é uma ferramenta que surgiu para facilitar a comunicação de pessoas de todo o mundo, o autor compara a sua importância a energia elétrica na revolução industrial. Com o surgimento da internet em 1960 uma rede de computadores capaz de

---

<sup>3</sup> Ver link: <<http://passapalavra.info/2009/06/6927>>.

armazenar milhares de informações em sua memória. A ideia era de usar esse meio como interlocutor de pessoas do mundo inteiro.

Redes sociais denomina-se como um novo meio de comunicação que surgiu através da internet para conectar pessoas de vários lugares ao mesmo tempo, esse meio de comunicação é mais rápido e independente. Para RODRIGUES (2013) “As redes sociais na internet têm sido largamente exploradas para o ativismo online, ou ciberativismo, caracterizada pela logística das relações sociais em rede”, o autor relata que com as redes sociais passamos a ter uma série de possibilidades de interagir com pessoas que não conhecemos e também conseguimos trocar ideias e objetivos em comum.

No início poucas pessoas tinham acesso à internet, mas com o tempo ela foi se modificando e cada vez mais pessoas tiveram acesso. SANTOS (2015) afirma que “A intensificação da comunicação permite criar elos e, assim, nutrir a sensação de fortalecimento por causas comuns”. Ou seja, pessoas que nem se conhecem podem criar um laço de amizade para a vida inteira. Esses dois autores concordam entre si sobre o mesmo assunto, sendo em um espaço de dois anos entre uma obra e outra, levando em consideração o uso da internet por meio das redes sociais, nesse mesmo texto, a autora ainda afirma que,

A internet é uma característica da comunicação do espaço urbano, mas pode ser vista como um mundo à parte, no sentido de, neste ambiente o tempo se mede de maneira anacrônica ao tempo da vida real. Lá, todo debate se faz atual e pertinente, independentemente de ter acontecido na Idade Média ou na semana passada. A virtualidade deu voz àqueles que temem sair às ruas para, sozinhos – a princípio –, medirem força com o Estado (SANTOS, 2015, p. 25).

Podemos observar nas redes sociais uma característica, que nem um outro tipo de mídia tem, que é a velocidade em transmitir informações para todo o lugar em pouco tempo. A internet também é usada para realizar pesquisas e estudos, trabalhar, ou seja, facilita a vida de muita gente que se utiliza esse meio. MENDES (2017) reforça essa ideia quando fala que com o avanço da tecnologia passamos a ser mais dependentes da internet. Ele quer dizer que essa ferramenta atraiu seus usuários e agradou tanto que em alguns casos se transformou em dependência. Nesse mesmo sentido pode-se dizer que,

As redes sociais que se geram na Internet estão a promover a participação do público, ainda que a discussão crítica praticamente não exista. Mas o poder de mobilização da Internet enquanto possibilidade latente é, em simultâneo, também uma evidência (AMARAL, 2016, p. 25).

As redes sociais, foram de grande importância na divulgação dos protestos de junho em 2013 no Brasil. Mesmo que, para SANTO (2014), ainda há controvérsias a serem discutidas sobre a possível relação das redes sociais com o advento das jornadas de junho, podemos provar essa importância das redes sociais nos movimentos, primeiramente que o Movimento Passe Livre usou esse meio para convocar a população para os protestos em que o uso desse meio pelos manifestantes,

Justifica, também, a intolerância a mídia tradicional no meio das manifestações, já que esta manipula e edita discursos e fatos, fato que ficou mais claro com o uso das redes sociais como meio de contar uma versão alternativa dos ocorridos, com provas inquestionáveis de veracidade, como vídeos e imagens. Contudo a luta ainda é longa contra a manipulação dos veículos de comunicação e pela democratização destes, com o objetivo de alcançar uma sociedade com participação de todos (SANTO, 2014, p. 47).

Com isso as pessoas usavam as redes sociais para melhor expressarem suas opiniões sem medo delas serem censuradas, mas os meios tradicionais de comunicação eram quem tinham um total controle da divulgação desses eventos. A internet também era um recurso que os manifestantes usavam para protestar sem sair as ruas.

Uma das características mais pulsantes nas recentes manifestações sociais pelo mundo foi o uso corrente dos *sites* de redes sociais na internet. Por meio das redes sociais on-line, participantes publicaram fotos e comentários a respeito dos eventos. Isso permitiu à sociedade um acesso direto aos fatos, em tempo real, sem os tradicionais cortes ou edições promovidas pela imprensa tradicional, e, sobretudo, fora do controle de alguns governos que agem na contramão de uma democracia participativa (ROSA, NETO, 2016, p. 2).

Segundo os autores, as pessoas não dependem necessariamente das mídias tradicionais para como jornais e revistas para estarem informadas, pois a internet dar essa liberdade de acessarem as notícias diretamente sem distorções e expressarem também suas opiniões sobre tudo que quiser.

### 1.2.1-As redes sociais e a #vemprarua.



IMAGEM 2. Bandeira com frases de protestos. Fonte: Gerador memes.

A imagem acima mostra as frases que foram temas de incentivo para a população que usavam a internet durante as manifestações, pelas redes sociais as pessoas compartilhavam diariamente essas frases como convocação para os protestos.

O movimento “vemprarua” é de caráter reivindicatório e teve sua divulgação através das redes sociais. A partir dessa divulgação as pessoas de outras capitais e até cidades pequenas, começaram fazerem também protestos nas ruas em busca de um país melhor. Durante todo o período que durava os protestos os líderes das manifestações e também pessoas anônimas, que não apareciam diante das mídias, usavam suas redes sociais para divulgarem imagens dos protestos e se comunicarem uns com os outros. As redes sociais interligam pessoas de vários lugares do país que trocam ideias sobre as manifestações ocorridas em suas cidades. A imagem acima explica o momento vivido pelo país onde as pessoas estão insatisfeitas com a má administração do dinheiro público e a corrupção dos políticos. As jornadas de junho, apesar de ter começado em São Paulo e no Rio de Janeiro, não se concentrou somente nas duas cidades e se espalhou por todo o país.

Segundo ARAUJO, ALVES FILHO, NUNES (2014,) “O MPL (Movimento Passe Livre) queria manter os protestos até a revogação do aumento das tarifas de Ônibus,

<sup>4</sup> Ver link: <<http://geradormemes.com/meme/6cd71i>>.



mas enquanto isso aumentava as pautas de questionamentos e o número de pessoas convocadas pela internet”. Podemos reforçar a ideia de que as redes sociais na internet têm o poder de mobilização quando seus usuários à utiliza em seu favor nesse contexto pode se dizer que,

A internet, logo, é uma rede formada por diversos nós, onde cada um destes nós é um computador com capacidade de receber conteúdos enviados por outros computadores ao mesmo tempo que também os envia. A existência de muitos desses nós interligados entre si é o que faz com que a internet seja denominada como uma rede. Dessa maneira, não há um núcleo produtor de informação, nenhum destes nós se sobrepõe aos outros. A troca de informações neste espaço virtual, chamado ciberespaço, é feita de forma não-hierárquica e descentralizada (SANTO, 2014, p. 51).

As manifestações feitas pela internet traziam muitas frases que eram criadas por ativistas, como a #vemprarua e #ogiganteacordou, ou seja, essas frases de incentivo manda um recado para o poder público, mostrando que a população despertou e que não vai mais aceitar a corrupção. As pessoas que estavam dentro das manifestações que levavam seus Smartphones para divulgar toda repercussão do evento.

Das ruas, publicavam diretamente em suas redes sociais mensagens, imagens e vídeos dos protestos. A transmissão ao vivo e o compartilhamento praticamente em tempo real desses conteúdos, sem a intermediação das grandes corporações midiáticas contribuíram significativamente para a mobilização da população (...) de suas residências, conectados por meio de seus computadores pessoais e dispositivos móveis, milhares acompanhavam e interagiam com o movimento que se alastrava pelas ruas compartilhando em peso relatos e imagens que recebiam. Em um processo quase que simbiótico, a rua mostrava-se presente nas redes, e as redes nas ruas (GOVEIA; CIARELLI; CARREIRA e HERKENHOFF, 2014, p. 4)

Diante do que foi exposto, podemos perceber que as redes sociais tiveram uma relação com as jornadas de junho, pois a rapidez com que as informações chegavam em outros lugares e eram compartilhadas para milhares de pessoas ao mesmo tempo, com a ajuda dessa ferramenta as manifestações tomaram conta do país. As redes sociais que são chamadas de mídias sociais, estão ligadas diretamente com o público, pois fazem suas publicações diretamente nas suas páginas sem nenhuma filtragem das informações que são fornecidas pelos usuários dessa ferramenta. Para RODRIGUES, (2013, p. 32) “AS mídias sociais foram os principais canais mediadores entre os manifestantes, permitindo que eles interagissem durante os protestos”, assim os manifestantes acompanhavam os

protestos que aconteciam em outras regiões do País através das transmissões que eram feitas por essas ferramentas da internet.

### **1.3-As Jornadas de junho 2013: o olhar da mídia sobre os protestos.**

A mídia não apresenta a realidade, mas uma disposição que possibilita ao sujeito criar modos simbólicos de representação da sua conexão com a realidade (SILVA, 2015, p. 5).

Segundo a autora apresenta, a mídia não é um meio de comunicação que devemos confiar como algo real, pois os fatos são noticiados de acordo com o interesse da mídia em enaltecer ou criticar certo acontecimento. A mídia pode maquiagem as notícias para que o telespectador se prenda a tais fatos noticiados por ela. A mídia televisiva por exemplo, é quem usa mais esse meio, pois como tudo é transmitido com imagens ao vivo eles procuram mostrarem o que é conveniente para eles no momento.

Segundo CARVALHO (2015. p. 5) “O telejornalismo possui o papel de representar a realidade, a partir do momento que constrói versões para os acontecimentos”, com isso não se pode acreditar na transparência dessas mídias. *O Jornal Nacional* da Rede Globo de TV, mostrou as manifestações como algo negativo para a sociedade e focou também na administração do PT (Partido dos Trabalhadores), mostrado em tempo real as manifestações apresentando essa insatisfação por parte dos manifestantes através de cartazes, faixas, gritos de guerra, etc., pois o que assistimos nas mídias televisivas nos levam a pensar que,

“O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde. Isso tanto é mais grave porque, nas condições atuais da vida econômica e social, a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas, é já, o resultado de uma manipulação, tal informação se apresenta como ideologia (SANTOS, 2007, p. 39).

De acordo com o autor, algumas mídias acabam perdendo sua credibilidade com parte de seu público, e enganando a outra parte com suas notícias maquiadas. Segundo CARVALHO (2015), na medida em que aumentou o número de pessoas nas ruas, e iam surgindo novas causas, a mídia deu maior importância aos eventos. A grande mídia como jornais impressos e televisivos, redes sociais, começaram a cobertura e a chamar mais pessoas para participar, tinham seus próprios interesses em publicar essas manifestações

porque gerava um grande impasse entre manifestantes e líderes políticos. Toda mídia seja jornal impresso, revista, televisiva, tem seu interesse próprio em divulgar suas matérias.

As notícias veiculadas abordam também contextos historiográficos que delimitam acontecimentos e fatos do país e do mundo como um todo. Para MARQUES (2008) o leitor na maioria das vezes não questiona se a notícia é verdadeira ou não, o que importa é o sensacionalismo que cada reportagem passa. De maneira geral, temos um jornal cuja credibilidade é de certa maneira respeitada por uma parcela da sociedade mesmo que haja segmentos que não comunguem com suas ideias e opiniões postas no periódico. Esse jornal é um exemplo de grande influência no Brasil e no mundo.

A grande imprensa, na verdade, não é contra a política, mas contra seu exercício pelos políticos (e sobretudo pelo povo) e não por ela, que da política pretende ter o monopólio. O que a sociedade requer é a legitimidade da representação política, o que os grandes meios pleiteiam é a posse do espaço político (AMARAL, 2013 p. 10).

Como explica o autor, a grande mídia quer ser o centro das atenções entre a política seus líderes e a sociedade com matérias que não eram publicadas antes de serem analisadas e filtradas de acordo com o interesse do editor. Todo jornal seja ele impresso ou televisivo, tem sua linha editorial a seguir, o jornal nacional apresentou uma postura contra as manifestações alegando que os manifestantes estavam causando tumulto nas ruas e atrapalhando o dia a dia das cidades.

Como afirma SANTOS (2014), os manifestantes usavam a internet porque não tinham o apoio da mídia tradicional e nem contavam com a boa vontade e simpatia de seus editores, diante disso o povo não se curvava diante das críticas da imprensa. Havia uma grande preocupação do poder público e de alguns veículos de comunicação em desqualificar as manifestações pois devido ao megaevento que estava acontecendo no Brasil (a copa das confederações), isso todo o mundo estava assistindo aos jogos e ao mesmo tempo vendo o que acontecia no momento, e que segundo ROLNIK (2013) a grande mídia queria encurralar a população que protestava diante de suas lentes, para que esses não manchassem a imagem do Brasil. os telejornais que não eram a favor do governo mostravam de forma negativa os gastos excessivos que o país estava gastando com os megaeventos a copa das confederações que estava acontecendo no Brasil e a copa do mundo que aconteceria no ano seguinte. Pode-se afirmar que,

O interesse em promover o país como capaz de realizar megaeventos acaba por ir de encontro das demandas do povo. (...) O que tais manifestações denunciavam é que os investimentos econômicos não

necessariamente se transformam em retorno social (ANJOS, DANTAS, SANTANA, 2013, p. 11).

Segundo o que relata os autores, a copa do mundo, que aconteceria no ano seguinte (2014), traria muitas despesas para o país que sonhava a tempo sediar um evento como esse, segundo as publicidades feita pelo governo e que esse evento traria muito investimento para o Brasil. Porém para muitos, os gastos que seria feito para sediar a tão “sonhada” copa do mundo deixaria um grande rombo nos cofres públicos, enquanto o país precisava de investimentos nos serviços públicos e esse dinheiro seria gasto desnecessariamente com algo que não traria nenhum retorno financeiro para a população.

O grande interesse do país em sediar esses eventos é porque eles promovem novas construções para a cidade sede, reconstrução de estádios, infraestrutura nas ruas e rodovias, e o grande anseio da população antes da confirmação do Brasil como sede seria a geração de empregos e crescimento da economia do país. Com o anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo Fifa de Futebol em 2007 “o país se tornou palco de um dos principais eventos esportivos mundiais. Com o passar dos anos, a comemoração por sediar o campeonato cedeu lugar ao descontentamento por parte da população” (KRAUSE, 2015, p. 16). O que mais revoltava a população com a preparação da cidade cede para promover esses megaeventos era que,

A Lei Geral da Copa cria uma nova legislação, em violação aberta ao Estatuto do Torcedor. Os monopólios para a concessão de serviços em áreas da cidade ferem os direitos do consumidor. As remoções forçadas de 200 a 250 mil pessoas nas cidades anfitriãs da Copa violam o direito à moradia e à cidade. As populações mais pobres se veem confrontadas a uma gigantesca onda de limpeza étnica e social das áreas que recebem investimentos, equipamentos e projetos de mobilidade. Os indesejáveis são mandados para as periferias distantes, a duas, três ou quatro horas dos locais de trabalho, a custos monetários absurdos e condições de transporte precaríssimas (ROLNIK, 2013, p. 36).

Segundo a autora, as exigências feitas pela “FIFA” para o país receber a copa seria esconder com um pano de fundo as desigualdades sociais e a má distribuição de renda existentes no País. Os gastos excessivos com as obras e reformas que foram feitas, os desvios de dinheiro e atrasos dessas construções tudo isso gerava um grande descontentamento nos cidadãos. A imagem a seguir mostra uma jovem segurando um cartaz em protesto a copa do mundo, ela estava nas arquibancadas de um dos jogos da

copa das confederações que estava acontecendo no período em que os protestos começaram.



<sup>5</sup> IMAGEM 3. Frase de protesto contra a corrupção. Fonte: Cachoeira Brasil notícias.

Essa imagem mostra a indignação do povo brasileiro, não contra a copa em si, mas contra as desigualdades sociais, a má distribuição de renda, desemprego, falta de segurança e a precariedade da saúde e da educação. Podemos ver que,

A conjuntura do momento contribuiu bastante para o seu impulso e ganho de seguidores. A Copa das Confederações serviu para dar visibilidade e voz para aqueles que se indignavam, mesmo que tenha servido de forma involuntária. À medida que a violência policial crescia, mais popular se tornava o movimento. Este foi um dos fatores preponderantes para a popularização das ações. As agressões aos jornalistas, por parte da polícia, serviram para pôr em xeque a opinião da mídia sobre a conduta adotada para tanger e conter os manifestantes (DANTAS, COSTA, 2014, p. 3).

Como podemos ver nesse trecho, a copa das confederações serviu para dar maior visibilidade aos protestos mesmo o poder público querendo a qualquer custo esconder os problemas que o país enfrentava, usando a copa como pano de fundo. Diante do que foi exposto acima, as manifestações acontecidas em junho de 2013, sendo caracterizada como movimento social, teve seu grande estopim através das redes sociais. Os autores

---

<sup>5</sup> Ver link: <<http://www.novacachoeira.com.br/noticias/524/movimentos-sociais-organizam-atos-de-protesto-no-final-da-copa>>.

acima falam sobre as manifestações e os megaeventos que estava acontecendo e iria acontecer no País.

## CAPÍTULO II

### 2-AS JORNADAS DE JUNHO NAS PÁGINAS DO JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO.

#### 2.1-A Folha de São Paulo e sua perspectiva sobre as manifestações

A “Folha de São Paulo” é um periódico de circulação nacional cujo conteúdo tem como objetivo informar, entreter e anunciar as principais notícias do país e do mundo que possam de alguma forma afetar o cotidiano dos seus leitores e das pessoas em geral. As notícias veiculadas abordam também contextos historiográficos que delimitam acontecimentos e fatos do país e do mundo como um todo. De maneira geral, temos um jornal cuja credibilidade é de certa maneira respeitada por uma parcela da sociedade mesmo que haja segmentos que não comunguem com suas ideias e opiniões postas no periódico. Segundo MOREIRA (2016, p.71), “Embora declare-se apartidária, a *Folha* habitualmente tem suas discussões vertebradas em uma ótica de centro-direita”. Ou seja, os jornais impressos passam por manipulações diárias de acordo com o interesse de seus editores. Para De LUCA (2006, p. 116) “o conteúdo dos jornais nem sempre são exatos, caracteriza como a mistura do certo e falso.” Para usar um periódico como fonte principal, temos que saber sua origem, se tem algum vínculo político com o que está sendo procurado, muitas as vezes alguns jornais filtram informações antes de publicá-las, portanto devemos ter bastante cuidado para não ir buscar num periódico aquilo que queremos encontrar. Segundo Rocha,

Há uma particularidade na relação com as mídias tradicionais, digitais e radicais. No caso das mídias tradicionais, foram cruciais para a guinada do movimento que inicialmente em função da violência de manifestantes e da polícia fez a cobertura e colocou a opinião pública a favor do movimento com a adesão cada vez maior da população aos protestos. As mídias digitais fizeram a convocação e a cobertura dos eventos, que aparentemente surgem sem se esperar (ROCHA, 2015, p. 4-5).

Diante disso, manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013, foram apresentadas nas páginas do jornal a “*Folha de São Paulo*” como a “Guerra da tarifa”, mostrando um cenário de guerra nas ruas. Assim como as outras mídias, a *Folha* também não deu nenhum apoio aos manifestantes, logo de início essas manifestações foram vistas por algumas pessoas como baderna e vandalismo. Para DANTAS, COSTA, (2014, p. 3) “O movimento #Vemprarua ganhava força e tomava corpo, não seria mais uma revolta isolada a ser noticiada de forma criminosa pela mídia como um ato de vandalismo

cometido por alguns insatisfeitos”. Ou seja, o MPL já enfrentava graves problemas pois estavam enfrentando governo e empresas de ônibus que mantinham acordos com o aumento das passagens. Nos primeiros dias de protesto a folha já deu ênfase ao movimento como principal fato ocorrido no país, mas o cenário mostrado não favorecia aos manifestantes. Como podemos ver no trecho a seguir:

Em protesto contra a elevação da tarifa de ônibus, metrô e trens em São Paulo, manifestantes entraram em confronto com a Polícia Militar, interditaram vias e provocaram cenas de vandalismo ontem à noite na região central. O ato levou a interdição de vias, como a 23 de maio, nove de julho e Paulista na hora do pico. Estações de metrô foram depredadas e fecharam (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Como podemos ver nesse primeiro trecho, os protestos, que segundo “a constituição é um direito do cidadão” (ART: 5, INC:XVI, CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988), aparece nas páginas da *Folha* como algo que veio para atrapalhar o dia a dia da cidade, destruir o patrimônio público, agredir e oferecer risco a população. Esse posicionamento crítico sobre as manifestações mostra que os editores do grupo *folha* defende a classe política predominante de nosso País pois eles como donos do jornal falam que, “<sup>6</sup>Estamos apostando nas mídias digitais, lançando produtos, mas sem abrir mão de investimentos no impresso. Entendemos que o jornal permanecerá como um meio importante no mundo multiplataforma. O leitor, ao longo de 24 horas, consome informação das mais variadas maneiras”. De acordo com um dos superintendentes do grupo *folha* a mídia tem um grande poder de formar opinião para seu público leitor. Boa parte da sociedade que tem acesso a esse periódico e a outras mídias, interpretam esses protestos como algo desnecessário em busca de soluções que não chegariam da noite para o dia, já que de acordo com as reclamações dos manifestantes o País estava totalmente desorganizado socialmente e politicamente, e estava precisando de uma reforma política urgente e que o dinheiro público fosse administrado de forma que trouxesse dignidade as pessoas nas prestações dos serviços públicos. De modo que,

Após as décadas de 1970 e 1980, porém, transformações na dinâmica de trabalho e no perfil dos estados nacionais resultantes dos processos de globalização e inovação tecnológica reintroduziram a tensão entre o projeto de proteção social baseado nos direitos universais de cidadania e as possibilidades e alternativas concretas de integração. O desemprego estrutural, o enfraquecimento de formas tradicionais de associação e luta coletiva e a inadequação dos mecanismos de gestão

---

<sup>6</sup> <http://www.meiopublicitario.com.br/?p=1053>



pública dos novos problemas sociais multiplicaram experiências de vulnerabilidade, dependência e exclusão de grupos sociais anteriormente protegidos (MAGALHÃES, BURLANDY, SENNA, 2007, p. 3).

Segundo os autores a população carente depende desses serviços oferecidos pelo Estado diante do desemprego e da má gestão do dinheiro público, arrecadado através de impostos, a população fica desamparada. No decorrer da nossa história surge vários movimentos sociais, cobrando soluções para as desigualdades sociais e a pobreza extrema que a cada dia cresce no Brasil. a mídia está sempre em acordo com a elite e o governo, pois se favorecem com as regalias que lhe oferecem, portanto eles se aproveitam de seus poderes de formadores de opiniões para informar os acontecimentos ao seu modo, como cita o autor nesse trecho:

O discurso jornalístico é sobretudo o relato dos acontecimentos que tiveram lugar recentemente, relato que é produzido como notícia e que circula regularmente no nosso dia a dia através dos diferentes dispositivos da informação. É, por isso, o resultado de um processo social de construção da realidade, definido por certas condições factuais, regras e convenções narrativas que vão desde as regras sintáticas e semânticas até as normas ético-pragmáticas do falar. São estas regras e convenções que funcionam como estruturas do discurso jornalístico e que constituem os pressupostos de um contrato de leitura entre o jornalista e o leitor (MARQUES, 2008, p. 2).

De acordo com o autor, os discursos produzidos nas páginas dos jornais são interpretados de três formas pelo leitor que procura se informar sobre os acontecimentos através de suas publicações, e nelas podemos interpretar a posição e opinião do autor sobre o que está sendo publicado, pelo jornalista que fez a matéria, pois toda matéria tem a postura de quem a escreveu, ou seja, mostra seus pensamentos e interesses no que está sendo debatido, e pelo editor, que recebe toda a matéria e publica só o que é conveniente para seu jornal. Para SILVA, (2015, p.?) “Várias instituições têm o intelecto humano como ponto de investimento do poder disciplinar, almejando o manejo do sujeito”.

Portanto como a autora fala, temos que desconfiar da veracidade da matéria editada por um periódico. Apesar de o “Estopim<sup>7</sup>” ter sido o aumento das tarifas dos transportes públicos em São Paulo, não foram somente os 20 centavos que causaram toda essa revolta, as reivindicações surgiam a cada dia estampadas nos cartazes e faixas

---

<sup>7</sup> Causa imediata que faz deflagrar um movimento, uma reação.

Disponível em:

<<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/estopim/1039/>>Acessado em: 20/03/2017.

carregadas por manifestantes, os gritos que se escutavam nas ruas eram por uma saúde e uma educação de qualidade, mais segurança e emprego e menos desigualdades sociais, muitas imagens que a mídia tentava esconder as redes sociais escancaravam em suas páginas mostrando que as manifestações não se resumiam apenas em violência. A imagem a seguir mostra o que a mídia tentava omitir sobre os protestos.



IMAGEM 4. Cartaz reivindica investimento em Saúde. Fonte: reprodução facebook.

Para (NOGUEIRA, 2013), “a mídia ficava dividida entre dizer que era uma pequena quantidade de pessoas que cometiam atos de vandalismo e que os Jovens não sabiam qual era a pauta dos protestos”. Com isso a mídia transmite para seus espectadores, que essas manifestações que estavam acontecendo no Brasil seria um grande fracasso para a sociedade e que as pessoas saiam as ruas com o objetivo causar badernas e destruição. Ora, a mídia consegue manipular muito bem as pessoas de como devem agir nas situações do cotidiano. Para SILVA (2015), “A mídia transmite um discurso ideológico, criando modelos a serem seguidos e contribuindo para a naturalização de crenças e papéis sociais, preconceitos e relações de poder”. Ou seja, ela tem o poder de transmitir tudo o que lhe é conveniente, e convencer seus seguidores de que algo está certo ou errado. Como fala a mesma autora nesse outro trecho:

O discurso da mídia está se transformando de normativo para libertário: é oferecida uma variedade de modelos de conduta, beleza, valores e visões de mundo, mas também, incita-se no consumidor a ideia de

<sup>8</sup> Ver link: <<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/manifestacoes-de-junho-de-2013-qual-e-o-saldo-dos-protestos-um-ano-depois.htm>>.

exercer sua liberdade e expressar a si mesmo. A mídia tem a função de contestar os estereótipos. Não se trata de impor ao sujeito um jeito de ser, mas de convencê-lo que determinado produto expressa sua individualidade. O valor não está no produto, mas na subjetividade a ele associada. O produto é apresentado como ferramenta destinada à construção de si (SILVA, 2015, p. 3).

Ou seja, para o autor, a mídia não se utiliza mais de regras impostas. Como a censura propriamente utilizada na época da ditadura militar, mas de uma forma “libertária”, ela convence seus espectadores de que seus ideais de liberdade estão errados. Para LIMA (2004), “a mídia ocupa um lugar de centralidade na sociedade contemporânea”, para ele a mídia está no controle da sociedade e da política como interlocutor entre os dois mundos. A *folha* publicava em suas matérias que os protestos causavam destruição por todos os locais que passavam, depredavam e queimavam ônibus, quebravam lojas e também estações de metrô, obrigando esses a ficarem sem funcionar por causa dos prejuízos causados pelas manifestações. Esse discurso jornalístico, também classificado como midiático, tenta mostrar sua verdade como absoluta, descaracterizando as lutas sociais, e a democracia. Como podemos ver nesse trecho,

O comércio também foi atingido, pois os donos de lojas, bares e lanchonetes ficaram assustados com os protestos e também foram quebrados vidros de lojas e as lixeiras foram arrancadas e incendiadas por manifestantes (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Na imagem a seguir, podemos ver um confronto entre manifestantes e Policiais quando a polícia tenta evitar que os manifestantes atrapalhem o trânsito nas principais avenidas de São Paulo. A imagem nos faz refletir sobre o posicionamento da *folha* diante dos protestos.



IMAGEM 5, Policiais e manifestantes em confronto. fonte ensaios de gênero, arquivo: Adriano Senkevics.

<sup>9</sup> <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2015/04/30/jornadas-de-junho-ou-15-de-marco/>

Esse confronto aconteceu no primeiro dia dos protestos, pois os manifestantes começaram a caminhada de forma pacífica, mas foram impedidos de seguirem adiante pelos policiais. Esses protestos foram organizados por apenas um grupo (MPL) como já falei anteriormente, mas devido à grande divulgação feitas pelas mídias sociais, o movimento começou a crescer em grande proporção logo após sua divulgação nas redes sociais como podemos ver nesse trecho,

Os movimentos tomaram as ruas motivados por uma grande insatisfação da população (...) O poder da comunicação na atuação popular tomou conta por vários dias no *Facebook*, contando com a participação de mais de 280 mil pessoas, que confirmaram presença no evento oficial da manifestação na cidade de São Paulo (BARTKIW, 2016, p. 11).

Diante do que foi exposto sobre a contribuição das redes sociais nos protestos, o autor mostra que a população tem direito de participar das reivindicações feitas nas ruas, ou através da internet. O cidadão através desses protestos está exigindo participação na política e na comunicação e decisões que seriam tomadas pelo futuro do País.

## **2.2-A mídia (A Folha de São Paulo) como promotora de um discurso nacional nas “Jornadas de Junho”.**

Durante os protestos de junho de 2013 aconteceram vários embates políticos entre governantes pequenos grupos políticos que não estavam no poder, aproveitando-se do momento de manifestações para aparecer como defensor da causa social. Para CALIL (2013), “a política no Brasil nos últimos anos apresenta-se como um grande retrocesso econômico e social”, como esses protestos aconteceram um ano antes do processo eleitoral as artimanhas dos líderes de pequenos partidos começavam a sua luta em busca da preferência do eleitorado Brasileiro. Podemos destacar que,

São os movimentos sociais, os sindicatos, os partidos de esquerda e outras formas de lutas coletivas. Enfrentamos o ser serializado e sua consciência imediata e o chamamos para a luta, para ação, mas via de regra, os indivíduos serializados não vêm, dando a impressão de que são sempre a minoria os que lutam (IASI, 2013, p. 41).

O movimento #vemprarua ou “jornadas de junho”, repercutiu em toda mídia nacional como uma das maiores manifestações ocorridas no Brasil, a *folha de São Paulo* diante de todos os acontecimentos, criou um discurso abrangendo as manifestações como

um grande confronto entre os manifestantes, os policiais e os governos. Podemos também relatar a posição dos políticos sobre essas manifestações, os partidos de esquerda apoiaram esses movimentos, enquanto os líderes políticos que se encontravam no poder lutavam pelo fim dos protestos. Para CALIL (2013), isso tem relação com a disputa do poder político entre os maiores partidos governistas do Brasil (PSDB e PT), que vivem em frequente disputa pela presidência do País. Segundo a *folha*, os líderes do governo Municipal e Estadual, logo no início se mostraram contrário as manifestações, para o Prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), os protestos não estavam acontecendo de acordo com os limites estabelecidos pela lei. Em entrevista a *folha*, ele disse que:

Para receber os manifestantes eles teriam que renunciar à violência, ele fala que a Polícia só agiu conforme o protocolo, que é de manter as ruas livres para as pessoas que não estão participando do ato terem seu direito de ir e vir sem ser atrapalhado, ele ainda fala que existem hospitais na cidade e que as ambulâncias circulam com pessoas doentes e precisam de espaço para transitarem, enfim ele diz que a polícia está cumprindo seu papel (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Ou seja, ele atribui a culpa das desorganizações ocorridas na cidade aos manifestantes, que eles são os causadores de todos esses problemas que eram ignorados por eles (governantes), e por algumas pessoas que até então não sabiam que estavam sendo prejudicadas. Para FERNANDES (2013), “existiam alguns pontos negativos dos políticos como: o repúdio às diversas modalidades de corrupção perpetradas por agentes políticos; ausência de identidade ou afinidade política entre partidos políticos e eleitores”.

Ou seja, os políticos estavam desmoralizados diante da maioria da população então a mídia começou a mostrar os políticos como vítimas desses movimentos, mostrando que não precisavam desses protestos e que o diálogo seria a melhor solução. Podemos observar que, concede a eles visibilidade, assim como o campo político serve à mídia na concessão de fontes oficiais que atribuem maior credibilidade às produções jornalísticas”.

As relações entre o campo midiático e o campo político implicam na compreensão de que ambos sofrem e exercem interferência mútua. O ambiente comunicacional serve à esfera política como forma de divulgação de temas relativos a seus agentes (MOREIRA, 2016, p. 17).

Diante do que foi exposto pela autora, a mídia ligada a tais grupos políticos tem bastante interesse em mostrar uma boa imagem de seus governantes, pois as manifestações antecederam o período eleitoral que aconteceria em 2014 mesmo eles não estando muito preocupados com isso e achando de início que as posturas adotadas por

eles diante dos protestos não teriam queda na preferência do eleitorado. Segundo a pesquisa do Datafolha, o prefeito Fernando Haddad (SP) apresentou uma grande rejeição em relação ao seu governo. Enquanto tudo estava de ponta cabeça no país, os governantes estavam preocupados com Copa das Confederações e do Mundo, com a candidatura do estado de São Paulo a uma exposição em Paris, e de alguma forma esses protestos atrapalhavam seus planos pois mostraria uma imagem ruim do país que iria sediar um dos maiores eventos mundiais no ano seguinte. Segundo a folha,

O Prefeito Fernando Haddad, atribuiu sua queda em relação a aprovação de seu governo, ao aumento da passagem de Ônibus, enquanto acontece as manifestações em São Paulo, o Prefeito vai a Paris junto com o Governador do estado Geraldo Alckmin, apresentar a candidatura da cidade a expor 2020 (é uma exposição mundial organizada pelo Bureau international de expositions) a ser realizada na cidade de Dubai, nos emirados Árabes Unidos, no período de seis meses, entre 20 de outubro de 2020 a 10 de abril de 2021. Ele disse que vai monitorar o movimento lá de Paris, e que a Polícia está autorizada a impedir as manifestações para não atrapalhar o trânsito e evitar depredações (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

O Governador do estado de São Paulo Geraldo Alckmin e o Prefeito Fernando Haddad, tinham o apoio da mídia no início das manifestações. A TV e outros meios de comunicação, procuravam mostrar sempre o lado negativo dos protestos, pois via neles suas máscaras caírem ao chão diante de quem acompanhavam os protestos através de seus meios, a mídia tentava denegrir a imagem de quem saía as ruas chamando de vândalos, como podemos ver nesse trecho,

A ampla disseminação do discurso antipartidário provavelmente tenha sido o principal êxito da estratégia midiática para o controle e contenção das manifestações. No entanto, isto não autoriza a avaliação de que a mídia tenha conseguido controlar inteiramente as manifestações, nem que tenha conseguido impor sua pauta (CALIL, 2013, p. 15).

Segundo o que o autor expõe em seu texto, a mídia queria transmitir uma imagem ruim sobre os manifestantes dizendo que eles estavam desrespeitando os cidadãos, com isso o desejo de ambos (mídia e governo) era calar os manifestantes para que a população esquecesse todo o descaso dos governantes com o país e não atrapalhasse seus interesses políticos, ou seja, eles ganhariam, e a “democracia” que se prega no Brasil seria jogada no lixo. Para CALIL (2013, p. 2) “O processo político brasileiro nos últimos vinte anos foi marcado em grande medida pela despolitização e apatia, em meio ao avanço de medidas econômicas neoliberais e retrocessos sociais”. Com isso os governos tanto a

nível nacional, estadual e municipal, estavam caminhando no mesmo rumo e desagradando parte da população que estava insatisfeita com os desmandes da política. Os partidos de esquerda que não fazia parte do governo, tiravam proveito da situação e apoiava as manifestações, também tinham seus interesses políticos e buscavam na mídia a divulgação de sua posição diante dos protestos. Como mostra a imagem a seguir, o Prefeito Fernando Haddad acompanha protestos de cima de seu gabinete.



IMAGEM 6, Prefeito Fernando Haddad. Fonte: DCM, Arquivo: Kiko Nogueira.

A imagem mostra o Prefeito da Cidade de São Paulo, reunido com outros líderes políticos de seu grupo no mesmo horário em que ocorriam os protestos. Depois de perceber que estava perdendo a preferência diante do eleitorado paulista Haddad muda sua posição e passa a colocar a culpa da violência na polícia como aparece nesse trecho da *folha*,

Depois de acompanhar os protestos de dentro de seu gabinete, O Prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT) disse que a manifestação de ontem foi marcada pela violência policial. “Na terça eu penso que a imagem que ficou foi a da violência dos manifestantes, mas hoje (ontem), não resta dúvida de que a imagem que ficou foi a da violência policial”, afirmou (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Mas o governador do estado de São Paulo, Geraldo Alkmin não agiu da mesma maneira, ele disse que a polícia estava autorizada a agir quando necessário para conter os

---

<sup>10</sup> <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/haddad-deveria-ir-a-proxima-manifestacao-do-mpl/>

“vândalos e baderneiros”. Segundo o jornal *Folha de São Paulo* o governador se calou diante do pronunciamento do Prefeito Haddad, mostrando que os dois não comungam mais da mesma ideia. Diante do que foi exposto na mídia, o embate político entre tucanos e petistas no que se refere a atuação da polícia nos protestos está só começando, pois alguns líderes políticos com interesse em se promover politicamente para a população passa a apoiar-los nos protestos. Todo político tem consigo mesmo o desejo de ocupar um cargo público e com isso ele ganha da confiança da população para ganhar os votos, a luta constante pelo poder é visível aproveitando o momento em que acontecia os protestos, a *folha* mostra um embate entre alguns políticos,

Um dia após a mais violenta reação policial aos protestos contra a elevação da tarifa do transporte em São Paulo, O Governador Geraldo Alckmin (PSDB), defendeu a corporação e classificou como ‘Político’ o movimento responsável pelo ato. A atuação da polícia militar anteontem levou a um embate entre tucanos e petistas, Alckmin diz que São Paulo tem a melhor polícia do Brasil e diz também que o movimento passe livre tem duas marcas, ser ‘político’ e a ‘violência’. Já o Ministro da Justiça José Eduardo Cardozo, disse que as imagens que chegaram ao governo federal, mostra que houve extrema violência policial. Cardozo é um dos nomes do PT cotados para a disputa do governo paulista em 2014”. (JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 2013)

Como podemos ver nesse trecho, o movimento que se dizia apartidário pelos líderes que o iniciaram demonstram para a população que não é bem assim, existem interesses por trás de cada um daqueles manifestantes e dos líderes de sindicatos e de partidos de esquerda que seguiam com os manifestantes. Segundo à *folha*, depois de todos esses embates políticos entre os líderes do governo, eles se reúnem com outros líderes de outros estados e com a Presidente Dilma Rousseff, eles decidem baixar a tarifa de ônibus e metrô querendo assim acabar com os protestos.

Após protestos que levaram centenas de milhares de pessoas às ruas do País, Governadores e Prefeitos de São Paulo e do Rio, cederam e decidiram baixar as tarifas de transporte coletivo. As decisões dos Governadores Geraldo Alckmin (PSDB) e Sérgio Cabral (PMDB) e os Prefeitos Fernando Haddad (PT) e Eduardo Paes (PMDB) já se repetiu em diversas cidades nas últimas semanas, inclusive em cinco capitais\_ Cuiabá, Recife, João Pessoa, Porto Alegre e Aracaju. Natal também irá anunciar redução da tarifa hoje. As Manifestações pelo Brasil reuniram mais de 15 mil pessoas só na última segunda\_ na maior manifestação desde a queda do Presidente Fernando Collor em 1992. As negociações envolveram políticos dos principais partidos do País (como PT, PMDB, PSDB) além DA Presidente Dilma Rousseff. Alckmin e Haddad dizem que com a decisão, terão que cortar investimentos. A bandeira da tarifa



zero que originou os protestos, acabou incorporando diversas outras reivindicações (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Diante desse comentário podemos perceber que os políticos estão preocupados com os rumos que essas manifestações podiam tomar e como isso atrapalharia seus projetos de campanha política. Sendo assim, eles baixam as tarifas dos transportes para acalmar os ânimos dos manifestantes, mas como foi citado acima, as manifestações que começaram por causa do aumento, continuaram por outras causas.

### **2.3- As manifestações no Rio de Janeiro e em Brasília e o posicionamento da mídia impressa.**

As jornadas de junho em 2013, como já foi citado acima, foi um movimento organizado pelo MPL em São Paulo contra o aumento da tarifa dos transportes públicos, os famosos “20 centavos”. No Rio de Janeiro as manifestações também começaram a todo vapor contra o aumento da tarifa dos transportes públicos. Segundo MOTTA (2016, p. 1) “Não é apenas pelos 20 centavos, o grito ecoou por toda a cidade do Rio de Janeiro a longo do mês de junho de 2013”. Assim como cita a autora, os protestos no Rio foram muito intensos assim como em São Paulo. Os protestos foram retratados por toda imprensa Brasileira, jornais impressos e televisivos, em reportagem publicada no jornal Estado de São Paulo, a socióloga Marta Ferreira Santos Farah mostra que,

<sup>11</sup>As manifestações de junho de 2013, marcadas pela forte presença de jovens, reuniram no mesmo espaço público integrantes de movimentos que defendiam a manifestação como uma ação política e uma massa de indignados com a política e com a ação governamental. Mas, mesmo estes, que rejeitavam a política, fizeram política. Os manifestantes fizeram política porque se posicionaram em relação a temas relevantes da vida social, procurando se fazer ouvir no espaço público. Uns se manifestaram contra a política. Outros, em relação a uma política ou a medidas no âmbito de políticas específicas: contra o aumento das passagens; contra a repressão policial; contra a corrupção; pela qualidade dos serviços públicos; contra os gastos da Copa (FARAH, 2015).

O jornal *Estado de São Paulo*, apresentou depois de dois anos um resumo sobre o que foram as manifestações acontecidas em 2013, a fonte jornalística afirma que mesmo as pessoas protestando contra a política estavam fazendo ao seu modo. Diante da

---

<sup>11</sup><http://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/politica-e-sociedade-as-manifestacoes-de-rua-de-2013-e-2015/>

afirmação posso dizer que os manifestantes estavam questionando a má administração do dinheiro público por aqueles que lhe fora confiado o cargo, segundo SAKAMOTO (2013, p. 93) “a solução desse embate se dará com os mais antigos se retirando para dar lugar aos mais novos, formados em uma matriz diferente”. O autor afirma que as pessoas já estavam cansadas desses políticos que estavam no poder e queriam pessoas novas, com a esperança de mudar o País. A mídia que no início se posicionou contra os protestos depois passou a apoiá-los, não contra o governo, mas contra a repressão por parte dos policiais, o autor afirma que,

A aposta na repressão foi claramente desastrosa e o repúdio à violência policial fortaleceu as manifestações e de imediato determinou a expectativa em torno da realização de uma nova mobilização ainda mais massiva (CALLIL, 2013, p.7).

Segundo o autor, esse posicionamento partiu dos dois principais jornais paulistanos, o Jornal *Folha e o Estado de São Paulo*, para ele esses são os maiores veículos de comunicação do Estado de São Paulo, e tem muita influência política no País inteiro. Outra fonte jornalística impressa que deu grande destaque as jornadas de junho foi o Jornal o Globo, esse é um Periódico de grande influência no País e pertence ao mesmo grupo da Rede Globo. Diante disso pode se afirmar que,

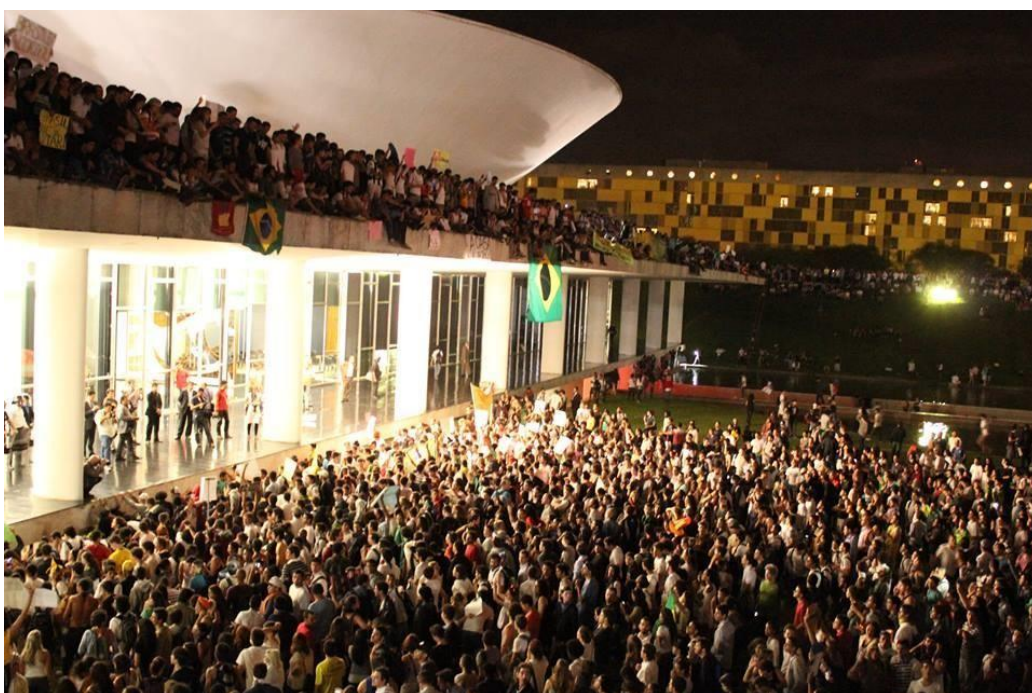
*O Globo* é um periódico voltado para o estrato da classe média urbana brasileira e possui uma linha editorial com forte viés liberal, o que certamente o afasta de uma neutralidade jornalística, ou melhor, de uma desejada imparcialidade ética que seria possível exigir de todo veículo de comunicação (QUEIROZ, 2017, p. 45).

Como afirma o autor, fonte não se diferencia das outras em relação as outras pois tem o posicionamento de acordo com sua linha editorial, e pertencendo esse grupo eles enfocavam mais nas questões políticas contra o Governo de Dilma Rousseff, do que mesmo com os problemas que afetavam o país. Outro autor afirma que,

A tomada de posição através do apoio a candidatos a cargos eletivos, está condicionada ao que o jornal chama de interesse público, assim o veículo se coloca numa posição de guardião da sociedade”. (MOREIRA, 2016, p. 76).

Segundo o que afirma a autora, o jornal mostra para seu público leitor, que o mais importante é a organização da sociedade e os protestos estavam acontecendo de forma desorganizada e que isso traria prejuízos para a cidade. Os dois autores afirmam que o

jornal o globo é da elite e está justamente procurando agradar a mesma. Mesmo sabendo que essas manifestações não partiram diretamente da população o mais carente, sabemos o caos em que o país se encontrava, e quem mais se prejudicava com isso era os mais carentes, pessoas que não tinham empregos dignos e moravam em lugares menos propícios; essa população carente talvez só saíram as ruas depois que foram incentivadas por representantes de bairro, ativistas e sindicalistas. A imagem a seguir vai mostra manifestantes na cobertura do congresso Nacional em Brasília, onde os manifestantes invadiram o local como forma de mostrar que aquele espaço é do povo e que está nele está a serviço do povo.



12

Imagem 7. Manifestantes invadindo teto do Congresso. Fonte Opinião e análise. Arquivo: Marcelo Malheiros Cerqueira.

Diante dessa imagem podemos ver que o clamor nas ruas era grande, as pessoas invadiram o congresso em busca de repostas por parte dos governos para a população e o jornal folha mostrou a revolta do povo contra o governo federal,

As manifestações recentes espalhadas pelo Brasil, de acordo com Sérgio Adorno, um dos principais sociólogos do País, mostra uma negação da sociedade ao modo atual de fazer política. O problema é o surgimento da possível violência legitimada nos protestos e o risco de uma movimentação antidemocrática. Há um fenômeno historicamente conhecido, mas com suas singularidades, é um desencontro entre os

<sup>12</sup> <https://www.jota.info/opiniao-e-analise/artigos/nao-foi-pelos-20-centavos-05072017>

cidadãos e suas instituições, não é algo novo, mas há especificidades na sua dinâmica e na sua organização- que muitas vezes parece desorganizada. Vejo uma forte negação no modo de fazer política no Brasil, as pessoas querem uma democracia que possa ouvir mais. Há muitas pessoas nas ruas com interesses diversos. Tem gente com ideais e tem gente que diz. “Vamos lá porque está acontecendo uma manifestação”. Tudo é legítimo. Estamos acompanhando os desdobramentos que podem ser bons para o fortalecimento da democracia. Mas se as manifestações derem força para quem quer a volta de um regime repressivo, o ambiente fica vulnerável (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

A posição tomada por esses três veículos de comunicação de grande influência no País e no mundo, nos faz pensar que eles não têm total credibilidade em suas matérias e nem sempre a verdade que eles transmitem são puras.

### CAPÍTULO III

#### 3-A NACIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA NOS PROTESTOS.

##### 3.1-A violência “justificada” nas páginas do jornal folha de são Paulo.

A violência era todo tempo mostrada na mídia como como foco principal das manifestações, a folha de são Paulo por sua vez não deixava de enfatizar todo tempo, mostrando a repressão policial e a agressão dos manifestantes contra os policiais. A imagem mostra um policial imobilizando um manifestante e com a arma apontada para outros.



<sup>13</sup>IMAGEM 8. Policial ferido apontando arma para manifestantes. Fonte: Brasil 247.

Essa cena aconteceu segundo o próprio policial quando um manifestante tentava pichar a parede do Tribunal de justiça onde ele trabalha, como ele relata,

“Lincha”, lincha, tira a arma dele, “Mata”, foram as frases ditas por manifestantes, segundo o Policial Wanderley Paulo Vignolli de 42 anos, que foi cercado e agredido durante protestos na Sé, anteontem. Ele escapou de ser linchado depois de se atracar com um jovem que pichava a parede do tribunal de justiça, onde trabalha. “Atuo na segurança do tribunal de justiça e minha obrigação é proteger a entrada e saída dos funcionários, inclusive Desembargadores e Juízes e também a população que sai do metrô e passa pela região (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

---

<sup>13</sup>Ver link: <<http://www.brasil247.com/pt/247/sp247/105168/S%C3%A3o-Paulo-pode-virar-para%C3%A7a-de-guerra-nesta-tarde.htm>>.

Mas há uma outra versão sobre esse acontecimento. Segundo o relato do fotógrafo Freelancer Victor Dragonetti, o Drago, “( Ele faz parte de um grupo de profissionais chamado de Selva- SP, que se dedica a flagrar acontecimentos pelas ruas de São Paulo.)”<sup>14</sup> ele foi o autor da imagem acima, ele falou que fez a imagem pra se proteger pois o policial foi extremamente violento. Em entrevista a *folha* ele disse:

Todos começaram a correr e, de repente, o cara (o PM Vignoli) estava na minha frente apontando uma arma, minha reação foi fotografar como instinto de segurança, pois ele poderia atirar em mim a qualquer momento. (...) segundo ele, o policial ferido de sua imagem não foi herói, o PM foi violento, foi pra cima do garoto (foto) e o jogou no chão (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Esse tipo de violência ocorria porque os policiais se sentem na obrigação de proteger a cidade mantendo a ordem e segundo a *folha*, essas manifestações estavam atrapalhando a tranquilidade da população e seu direito de ir e vim. Os manifestantes as vezes são obrigados a agir com violência para se defender dos policiais, isso gera um grande impasse entre os dois grupos que reclamam seus direitos, mas quem está com a razão? A *folha* afirma que,

Do ponto de vista constitucional, o que está acontecendo é um conflito entre os três direitos, o dos manifestantes de se manifestarem, o dos não manifestantes de irem e virem e do poder público de gerenciar o bem-estar da sociedade como um todo. A liberdade de expressão é garantida pela constituição, mas no caso dos manifestantes ela não pode ofender a do outro que não quer se manifestar nem a do poder público garantir a segurança de todos, mas isso gera um grande problema, quando a manifestação vira protesto e o protesto vira empecilho ao resto da sociedade, ela passa a ofender o direito alheio (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013)

Segundo o trecho extraído do Jornal, todos nós temos direitos “iguais”, segundo a constituição, mas como posso analisar diante do que foi publicado nas mídias, não estava sendo respeitado o direito ao protesto, pois as cenas de violência se repetiam todos os dias. Os policiais eram apoiados pelo poder público a usarem a força para conter os manifestantes. A violência não ocorria somente contra os manifestantes, mas também contra repórteres de algumas emissoras de TV, de jornais impressos, revistas e rádios que estavam ali para fazer a cobertura dos protestos, como afirma a autora,

---

<sup>14</sup> Ver link: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2013/06/14/15/#>>.

Desde o princípio das mobilizações, a polícia respondia com truculência às manifestações. Existem diversos registros na internet, em arquivos pessoais ou mesmo em produções jornalísticas, que registraram agressões desmedidas de policiais, atingindo idosos, jornalistas com crachás de identificação, mas mais do que isso, atingiam cidadãos que apenas exerciam seu livre direito de se manifestar (...)A violência policial no início das manifestações foi desmedida em relação às mobilizações que eram pacíficas. Na medida em que as mobilizações se estenderam para o resto do país os governantes começaram a negociar e a mídia tradicional mudou de lado, no entanto a repressão continuou prejudicando o protesto pacífico (SANTOS, 2013, p. 22).

De acordo com a autora, os policiais agiram contra os jornalistas que circulavam pelo meio das manifestações e alguns deles davam apoio aos manifestantes. A polícia agia para afastar os manifestantes das ruas que segundo eles estavam atrapalhando o dia a dia das pessoas. A imagem a seguir mostra um policial jogando spray de pimenta no cinegrafista.



15

IMAGEM 9. Policial agredindo cinegrafista. Fonte: UOL Notícias. Arquivo: Rodrigo Paiva.

A imagem nos mostra claramente a violência que acontecia dentro dessas manifestações, os jornalistas acabavam sendo agredidos por estarem perto e tentando filmar algo que podia comprometer os policiais por estarem cometendo alguns abusos contra os manifestantes. Dos repórteres agredidos por policiais, sete deles eram da *Folha*, segundo o que foi divulgado pela *folha*, “os jornalistas mais feridos foram os repórteres

<sup>15</sup> Ver link: <<https://noticias.uol.com.br/album/2013/06/20/policiais-entram-em-confronto-com-manifestantes-em-todo-o-brasil.htm>>.

Giuliana Vallone e Fábio Braga, que foram feridos no rosto por bala de borracha<sup>16</sup>”. Mas todas as cenas de violência causada nos protestos não partiu somente da polícia, para Bezerra, Grillo (2013), existiam grupos infiltrados dentro dos protestos causando badernas e vandalismo contra o patrimônio público, e queimando carros de policiais e de emissoras de TVs que faziam a cobertura dos protestos. Enquanto os manifestantes seguiam de forma pacífica os famosos grupos ativistas entravam no meio e se misturavam com os demais incentivando a violência.

### 3.2-Ativistas infiltrados, causa de todo vandalismo?

Durante os protestos surgiram também os *Black Blocs*, “Grupo que se caracteriza por usar roupas pretas e mascaras para dificultar na identificação, essas vestes mostram união entre eles, eles protestam contra a globalização e o capitalismo, e acabam entrando em confronto com a polícia<sup>17</sup>”. Esses grupos foram os responsáveis pela depredação e vandalismo. Segundo SANTOS (2013), o movimento cresceu com mais violência, pois esses grupos tinham como objetivo destruir os patrimônios públicos, e com isso a polícia tinha que contê-los. Mas para BEZERRA e GRILLO (2013), esses atos de violência cometido pelos manifestantes e a polícia só fazia proteger a população foi apenas um discurso inicial da grande mídia, como podemos ver nesse trecho,

Enquanto a violência policial permanecia camuflada, os “atos de vandalismo” ganhavam destaque nos noticiários televisivos e nas capas dos jornais, que encamparam um discurso de deslegitimação do movimento envernizado pela divulgação de imagens espetaculares de vidraças quebradas de agências bancárias, pontos de ônibus, lojas e prédios públicos depredados. Ao mesmo tempo, insistiam no discurso que justifica as ações da polícia como formas de “contenção” ou de “revide”, legitimando o uso de bombas de gás lacrimogêneo, bombas de efeito moral, spray de pimenta, armas de choque elétrico (tasers) e tiros de balas de borracha (BEZERRA, GRILLO, 2013, p. 7).

Durante as manifestações, existiam sim grupos de manifestantes que causavam badernas, mas segundo os autores eles não foram os responsáveis por toda violência e nem os policiais foram os heróis ou as vítimas. Os Black Blocs foram apresentados pela mídia, inclusive pela *folha*, como “vândalos e baderneiros” que causavam terror na cidade, veja-se a tática desse grupo era lutar contra o sistema econômico e político do

---

<sup>16</sup> <http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2013/06/14/15/#>

<sup>17</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/07/1309858-entenda-o-que-e-o-ativismo-black-bloc-presente-nas-manifestacoes.shtml>



Brasil. Para PORTUGAL (2013) “O Black Blocs é uma forma de agir e de se manifestar”, ou seja, para a autora o grupo é somente responsável por expressar críticas ao poder público. Sobre o mesmo raciocínio de ativistas serem os culpados por toda a baderna nas manifestações segundo o discurso da grande mídia a autora mostra que:

Os atos de vandalismo realizados pela minoria que frequentava as passeatas ganhavam cada vez mais destaque na cobertura da mídia. Em pouco tempo as ruas perderam o fôlego e o que passou a ser reforçado novamente na imprensa era a necessidade de que a PM contivesse os “vândalos”. E o ciclo se fechou novamente. As manifestações passaram a ser reportadas pela grande mídia como agitações promovidas pelos ativistas (CARLOS, 2015, p. 89).

Segundo a autora, a mídia apontava os pequenos grupos de manifestantes como responsáveis pelos atos de vandalismo que causava destruição na cidade. Para BEZERRA e GRILLO (2013), “A violência policial era justificada quando eles tinham que conter manifestantes que vestiam mascaradas e roupas pretas para causar danos ao patrimônio público”. Como a polícia representa o Estado, ela é protegida por algumas mídias que dependem do poder público para se manter. Como já foi citado, alguns jornalistas foram agredidos por policiais no momento em que faziam a cobertura dos protestos, então muitos deles acusaram os policiais como agressores, mas outros ainda colocavam a culpa nos ativistas. Os autores ainda falam que a violência que foi muito relatada nos movimentos teve uma parcela de culpa dos dois lados: Polícia (estado) e ativistas. Como podemos ver nesse trecho:

As forças policiais não souberam agir senão pelos seus violentos métodos habituais – cassetetes, tiros de borracha, bombas de gás lacrimogêneo e spray de pimenta. Contudo, depararam-se com manifestantes que não apenas resistiam às tentativas de dispersão, utilizando pedras, bombas caseiras, tapumes e pedaços de pau, mas que também pareciam alimentados pela performance policial violenta”. (BEZERRA; GLILLO, 2013, p. 6).

Como podemos analisar aqui, as mídias apresentavam as manifestações como grande cenário de guerra nas ruas e que todo o processo de manifestações foi tratado como coisa negativa para a cidade e toda a sua população. De acordo com a folha, os protestos eram entendidos por cidadãos que ainda estavam fora deles como baderna e perturbação do sossego alheio.

### 3.3-Manifestantes e policiais, opiniões que se divergem sobre as manifestações.

“Você é soldado, você também é explorado”, Gritos de manifestantes dirigidos a policiais que tentavam bloquear manifestação (JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 2013)



18

IMAGEM 10: Confronto entre Manifestantes e Policiais. Fonte: arte folha UOL.

Essa imagem mostra uma cena que se repetia todos os dias no decorrer dos protestos. Podemos ver manifestantes em conflito com policiais quando os mesmos tentavam impedir que as manifestações seguissem seu destino. Os manifestantes gritavam frases de ofensas para os policiais que ao mesmo tempo tentavam conscientizá-los dizendo que eles também eram explorados e que deviam estarem protestando também contra as injustiças cometidas pelo Estado. Os manifestantes se referiam aos baixos salários pagos a polícia e que eles se arriscam muito por pouco. Segundo ARAUJO (2015, p.19) “O confronto com a polícia é tido como um elemento que gera raiva e eleva a intensidade da luta”, com isso polícia era criticada pelos líderes e alguns manifestantes por tentar combater as manifestações e ao mesmo tempo também era criticada por não conseguir êxito em sua tentativa. O representante comercial Renato Almeida Jr, diz ao *Jornal folha de São Paulo* que “a polícia não consegue manter a ordem e o direito de qualquer cidadão de ir e vir pelas ruas próximas”. Ou seja, as opiniões sobre as

<sup>18</sup> <http://arte.folha.uol.com.br/tvfolha/2014/05/20/junho/>

manifestações a cada dia tomam mais proporção entre os manifestantes que são contrários ou a favor desses atos. Diante do exposto pode-se acrescentar que,

As críticas têm, em sua maioria um sentimento espontâneo e geral de rejeição, mas também se podem encontrar elementos conscientes de confrontos e concepções à esquerda e à direita, num claro processo de polarização e disputa política (CARVALHO, 2013, p. 11).

O autor esclarece que mesmo as pessoas sabendo dos problemas que existem nas cidades e tem sua individualidade dentro dos protestos, alguns agem por politicagem, criticando ou defendendo os protestos de acordo com o interesse político, ou seja, nem sempre os motivos de estarem protestando são por interesse coletivo ou familiar.

CARVALHO (2013) ainda afirma que “A violência policial era desproporcional e mostrava a falta de comando da polícia diante das câmeras dos cinegrafistas e lentes dos fotógrafos e que o estado perdeu totalmente a autoridade”. Já na opinião dos policiais, o que estava acontecendo era uma guerra na cidade e que era responsabilidades deles guardar as pessoas que andavam nas ruas e não participavam dos protestos, que segundo eles, a sociedade estava totalmente exposta aos atos de violência cometido pelos manifestantes. Segundo o jornal *folha de São Paulo*, o ex-comandante geral da polícia militar, o vereador Coronel Camilo (PSD), estava monitorando o movimento pelo passe livre há quatro anos, suas ações nas redes sociais e assembleias locais, ele afirma que era tudo dentro da lei não era espionagem.

Outro ponto que foi observado durante as manifestações de junho de 2013 foram as agressões sofridas por repórteres e cinegrafistas, de vários meios de comunicação, inclusive teve dois deles da *folha de São Paulo*, o repórter Fábio Braga, falou em seu depoimento que:

O que fica muito claro, a partir de 2013, é que os repórteres acabaram virando alvo”, disse. “Vi um destacamento que encurralou os manifestantes junto a uma banca de jornal, o que virou um deus nos acuda ali, porque as pessoas não conseguiam escoar pela calçada. Ao registrar isso, teve um policial que pediu que eu saísse do caminho. Além de identificado com o crachá, estava com colete de fotógrafo. Eu disse que não ia me retirar, porque estava cobrindo a ação da polícia, me identifiquei como repórter da Folha. O que aconteceu foi que o policial deu um tiro a queima roupa na minha perna. A bala furou a calça, me deixou com uma cicatriz de uns 12 centímetros, fiquei ensanguentado na perna, cai e fui acudido por outros repórteres”, disse.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup>Ver link: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-09/mp-de-sao-paulo-ouve-relatos-de-jornalistas-agredidos-pela-pm-em>>.

Segundo alguns relatos de ativistas e militantes do MPL, que foram entrevistados em um documentário produzido pela *folha de São Paulo*, toda as agressões acontecidas durante os protestos foi uma forma de reprimir os manifestantes, fazendo o mesmo aos jornalistas que tentavam registrar essa repressão por parte da polícia, que representa o Estado em sua forma de agir.

### **3.4-Um outro olhar sobre os protestos de Junho de 2013.**

Os protestos de junho de 2013 no Brasil, como já apresentei foi organizado pelo MPL (Movimento Passe Livre) e teve grande repercussão diante da mídia. Mas o olhar de cada indivíduo sobre as manifestações está em questão. *O Jornal Folha de São Paulo* apresenta alguns personagens que se destacaram durante os protestos, opiniões contrárias ou a favor que deram o que falar nas grandes mídias.

Posso destacar logo de início a revolta do “Promotor Rogério Zagallo, da 5ª Vara do júri de São Paulo, que publicou texto no facebook, na sexta feira, com xingamentos a manifestantes do movimento passe livre e incitando a violência. Ele chama os manifestantes de “bugios”, ou seja, macacos, e diz que se a polícia matasse os manifestantes ele arquivaria o processo<sup>20</sup>”. Ele ainda diz que sente saudades do tempo em que esse tipo de manifestação era resolvido com violência. Depois que seu texto gerou repercussão ele apagou de seu facebook e ainda falou que não foi um desabafo seu, mas falou em nome da população. Como podemos ver, o promotor fica revoltado por passar algumas horas no trânsito e culpa os manifestantes. Mesmo ele querendo exercer seu direito de ir e vir, ele abusou de sua autoridade, incentivando a violência policial, pois o mesmo direito reivindicado por ele, os manifestantes tinham de protestar, o poder que ele exerce sobre a sociedade deixa ele em um lugar social bem confortável como cita o autor nesse trecho,

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios da hierarquização, as fracções dominantes, cujo poder assenta no capital econômico tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores, os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes por acréscimo, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por designação a fracção dominada, tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição no topo da hierarquia dos princípios da hierarquização (BOURDIEU, 1989, p. 15).

---

<sup>20</sup> Ver link: <<http://acervo.folha.uol.com.br/fsp/2013/06/10/15/#>>

O autor ressalta que quem tem poder, não está preocupado com o seu subordinado, no que se refere ao posicionamento do promotor, ele está mais preocupado em seu bem-estar do que com a população que vive em situação de pobreza e que não tem uma educação e uma saúde de qualidade. Outros personagens se destacaram com suas opiniões sobre os protestos. *A folha* entrevistou algumas pessoas nas ruas durante os protestos, pessoas essas que não estavam participando dos atos e nem estavam de acordo com o mesmo, acabaram se envolvendo sem querer, como podemos ver em alguns trechos publicado.

“Estava tomando uma cerveja, me jogaram no chão e me deram porrada” (GABRIELA LACERDA, ESTUDANTE.) (...) “fiquei presa dentro do carro assistindo a essa cena de guerra. Os policiais atiraram bombas, mas vi um rapaz atirar uma garrafa contra os PMs” (PAULA SAMPAIO, EMPRESÁRIA). (...) “O policial ficou atirando na direção de uma grávida. Só parou quando chegou perto e viu que era verdade”. (FELIPI FREO, 26, ADMINISTRADOR) (JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, 2013).

Como podemos ver, as pessoas entrevistadas, não estavam participando dos protestos e viram a cidade sair de sua rotina diária, que segundo eles até então viviam na maior “tranquilidade”. Essas pessoas tinham uma vida tranquila financeiramente e não eram afetadas diretamente pelos problemas que afetavam a maioria da população que os levaram as ruas para protestar e segundo os repórteres Giba Bergamin Jr e André Monteiro são pessoas que não dependiam dos transportes públicos para se locomover na cidade, por isso e outros motivos não revelados, tinha opinião contrária, e colocavam a culpa da violência na Polícia. Para ARAUJO (2015) “a presença de pessoas nas ruas incomoda, bloqueia passagens, traz visibilidade ao movimento e integra pessoas de diferentes contextos sociais”. Isso gera revolta nos insatisfeitos com os protestos, como os três personagens que citei acima, eles ignoram a situação de desigualdade econômica, um dos principais motivos das reivindicações. As várias posições divergentes sobre as jornadas de junho geram muita repercussão em toda a mídia brasileira,

As reivindicações escritas em cartazes feitos à mão foi uma marca importante dos atos de protestos demonstrando a diversidade de posições e pensamento sobre a realidade brasileira, assim como a ausência de uma direção única e de lideranças de movimentos sociais já conhecidos no cenário político coordenando tais atos, como estávamos acostumados a presenciar em momentos anteriores”. (MOREIRA; SANTIAGO, 2013, p. 14).

Como explica os autores, as manifestações apesar de ter sido iniciada pelo MPL (Movimento Passe Livre) elas não tinham uma única liderança, pois haviam vários líderes

de grupos que reuniam seus seguidores em busca de seus ideais dentro dos protestos. A imagem a seguir mostra um grande ato de generosidade de jovens manifestantes, pouco mostrado na grande mídia, a *folha* quando mostrou essa imagem, atribuiu a culpa aos policiais,



IMAGEM 11: Carro de idoso é atingido por bomba na rua Bela Cintra (São Paulo).

Ao analisar essa imagem, podemos ver a atitude humana dos manifestantes que ao ver uma pessoa idosa no meio do tumulto e resgatam ele para um lugar seguro. A maioria da grande mídia e alguns telespectadores não mostrariam uma cena como essa, pois seus objetivos era mostrar os protestos como algo prejudicial a sociedade, e que os manifestantes atiravam pedras em quem passasse pela frente e que a polícia era obrigada a revidar com bombas e balas de borracha para proteger a população, mas no caso que aparece na imagem, os manifestantes é que estão tentando se proteger dos ataques da polícia, ou seja, do Estado. Sobre essa imagem a *folha* diz,

Com balas de borracha e bombas de efeito moral, policiais militares agiram com violência para reprimir a quarta manifestação contra o aumento da tarifa de transporte em uma semana. Com o cerco que a PM fez no centro da avenida paulista agravou o confronto deixando pedestres e motoristas em pânico, alguns deles deixaram carros abandonados nas ruas (JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 2013)

<sup>21</sup> Ver link: <<https://www.pressreader.com/brazil/folha-de-spaulo/2013/06/14/281925950573638>>.

A *folha* afirma que a polícia agiu com violência para conter os manifestantes e que as pessoas nas ruas estavam amedrontadas, ou seja, as pessoas que não queriam participar dos protestos também foram agredidas segundo elas por policiais que estavam ali para proteger a população, e os que estavam dentro dos protestos tinham seu direito de se manifestar contra tudo o que quisessem, mas segundo essa reportagem, esses direitos não estavam sendo respeitados pois o cidadão era chamado de vândalo e destruidor do patrimônio público. Sendo o jornal *folha de São Paulo* pertencente a um grupo que defendia os interesses da classe dominante, eles apresentam suas manchetes criticando os manifestantes e algumas vezes os policiais quando os mesmos são criticados pelo o governo.

FEDOZZI (2009, p. 05) afirma que “as relações entre estado e sociedade representou, de forma tendencial, uma dinâmica coletiva contra o autoritarismo e as formas patrimonialistas e clientelistas de gestão sócio estatal”. Para ele, a classe social representada pelos manifestantes, estavam cumprindo seu papel como parte integrante da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Diante de tudo que foi exposto, podemos falar que ao analisar todas as minhas fontes de pesquisa descobri que as jornadas de junho em 2013 no Brasil tiveram uma grande repercussão na mídia nacional e internacional, o que levou o governo a querer ouvir os manifestantes e garantir para o povo que pelo menos tentariam resolver os problemas que foram apresentados nos protestos. Percebemos que mesmo o governo baixando a tarifa para o mesmo valor que era antes, R\$ 3,00 e o governo querendo acabar com os protestos mostrando que foi atendido o desejo da população que dependia desses transportes todos os dias, os protestos continuavam a todo vapor, pois o MPL alegou que tinha perdido o controle sobre as manifestações, e que as mesmas não estavam mais sobre seu comando.

Quando iniciei esse trabalho, minha questão principal era descobrir qual a relação do movimento Vem Pra Rua com a mídia, levando em consideração os discursos produzidos no Jornal a Folha de São Paulo, diante do tema comecei a procurar outros textos que falassem sobre o tema e que me direcionasse a algum caminho. Os trabalhos que já foram feitos sobre as jornadas de junho trouxeram um número muito grande de abordagens sobre esses protestos, e a repercussão que gerou diante aquele período. No período em que ocorreram as jornadas de junho, estava acontecendo no Brasil a copa das confederações, e no ano seguinte aconteceria a Copa do mundo, que era tão almejada pelos brasileiros e depois virou motivo de gastos desnecessários como era mostrado todo tempo nos protestos através de faixas e cartazes e de reivindicações que eram publicadas nas redes sociais.

Ao analisar as fontes que utilizei para minha pesquisa, o jornal Folha de São Paulo, descobri que a abordagem desse periódico era focada em um posicionamento contrário as manifestações, mostrando violência, depredação e vandalismo e percebi então que havia a necessidade de confrontar o que era publicado nas páginas desse jornal com outros jornais impressos e televisivos, e também com as redes sociais. Apesar de existir uma grande diferença entre as mídias tradicionais e as sociais, elas foram as responsáveis por todas as transmissões que foram feitas para seus telespectadores, as redes sociais que tinha a vantagem de tudo que nelas eram postadas não tinha nenhuma análise por trás antes de ser mostrado ao público, é um lugar onde tudo pode ser publicado sem nenhum filtro. Já nas mídias tradicionais tem toda uma análise das reportagens antes de ser publicado de fato. De acordo com a linha editorial de cada jornal impresso e televisivo.



As jornadas de junho foi um movimento de grande porte, e o que pude analisar sobre ele, é que a população já estava cansada de tanta roubalheira no país e mal-uso do dinheiro público com coisas desnecessárias enquanto não existe uma saúde de qualidade nem uma boa educação. Segundo o que era reivindicado pela população: pessoas morriam por falta de atendimento nos hospitais, a bandidagem só crescia a cada dia, a inflação só aumenta, o desemprego cresce. Sobre o que analisei em todos os textos o Brasil enfrenta problemas por causa da corrupção. Mas será que a corrupção começa pelos políticos? Ou a corrupção começa pelo cidadão.

Um grande problema que ocorreu durante as manifestações foi a violência causada por policiais e manifestantes, e agressões causadas a repórteres das emissoras que estavam fazendo a cobertura dos protestos, e também as opiniões divergentes, de pessoas que não estavam participando das manifestações e queriam transitar normalmente nas cidades, e quando eram impedidas, reclamavam e tentavam desqualificar os protestos. Houve muitas confusões por causa disso. As mídias também de alguma forma tentaram no início tentou desqualificar, mas depois se viram de alguma forma obrigadas a apoiarem esses movimentos.

Enfim concluo esse trabalho, com o pensamento de que apesar da população reclamar e lutar pelos seus direitos, ainda tem muita coisa a fazer para mudar os rumos do nosso país, e que o primeiro passo é saber escolher nossos representantes políticos e renovar todo o congresso nacional, mas isso tem que partir de cada cidadão, pois uma só parte querendo não pode resolver esses problemas, e que o código penal tem que ser refeito e as leis tem que funcionar na realidade, sem nenhuma brecha. Tudo que aprendi na realização desse trabalho foi que todo cidadão tem o direito de ir e vir, sem desrespeitar o direito do próximo e que toda mudança começa dentro de nós. Não podemos mudar um país inteiro se a mudança não começar por cada indivíduo.

**REFERÊNCIAS:**

ALVES FILHO, Mário Helder de Sousa. **Movimento Passe Livre nas manifestações de junho de 2013: a representação social no jornal folha de são Paulo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará- UFCE, Fortaleza 2016, 121 p.

AMARAL, Roberto de. **A grande rede e a explosão das ruas. In: Jornadas de junho: repercussões e leituras ( livro eletrônico)**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

ARAUJO, Etyelle Pinheiro de. **“Não tá acontecendo nada e eles passam pra tocar um terror” - repressão policial e construções identitárias em narrativas de manifestantes de junho de 2013**, dissertação de mestrado, PUC. RJ, 134 P. Rio de Janeiro- RJ. 2015

BARBOSA, Thaysa Nayara. **A Construção da legitimidade da informação veiculada nas mídias sociais durante as manifestações de junho de 2013 no Brasil**. Monografia (bacharelado) – Universidade de Brasília, departamento de comunicação. 84 p. Brasília 2013.

BARTKING, Paula Isabela Nogueira. **O poder da comunicação das redes sociais nos movimentos populares**. Revista de estudos comunistas, Curitiba – PR. Janeiro 2016.

BEZERRA, Arthur Coelho. GRILLO, Carolina Christoff. **Batalha nas ruas, guerras nas redes: notas sobre a cobertura midiática sobre a violência em manifestações**. Rio de Janeiro. Maio de 2014.

CARLOS, Eliana Natividade. **A mídia e as manifestações de junho de 2013, uma análise dos produtos midiáticos**. Dissertação de Mestrado. FCL. São Paulo- SP. 2015.

CARVALHO, Maria do Carmo Alves de Albuquerque. **Os movimentos sociais e a construção da democracia no Brasil**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual de Campinas. Campinas- SP.1997.

CASTELL, Manoel. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Zahar, setembro de 2013.

DANTAS, Lucas Eduardo. COSTA, Gabriella. Os Princípios éticos dentro do Jornalismo Brasileiro: Uma Análise de conduta de “folha de São Paulo” durante as manifestações de junho. In: **XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (ALAIC)**, Peru, 2014, p. 1-18.

ESPÍRITO SANTO, Máira Ouríveis. **Lutas sociais e ciberespaço: o uso da Internet pelo movimento passe livre nas manifestações de junho de 2013 em São Paulo.** 2014. 123 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2014.

FEDOZZI, L. **Democracia participativa, lutas por igualdade e iniquidades da participação.** Doutor em Sociologia e professor da UFRGS, Porto Alegre, 2009.

GOHN, Maria da Glória. Desafios dos movimentos sociais hoje no Brasil. In: **Revista Ser Social**, Brasília, v.15, n. 33, 2013, p. 261-384.

\_\_\_\_\_. **Movimentos e lutas sociais na história do Brasil.** São Paulo, Loyola, 1995.

GOSS, Karine Pereira. PRUDENCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado.** In: Revista Eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC. Janeiro-Julho, 2004. P. 75-91.

GOUVEIA, Fábio Gomes de; CIARELLI, Patrik Marques; CARREIRA, Lia Scarton; HERKENHOFF, Gabriel. Imagens das ruas e redes: análises das jornadas de junho a partir da hashtag # vempraru. In: **XXIII Anual de Campos**, 2014, p. 1-18.

IASI, Mauro Luiz. **A Rebelião, a Cidade e a Consciência, In: Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram conta das ruas do Brasil.** 2013, 142p. Boitempo, São Paulo- SP.

KROHLING, Aloísio. LACERDA, Moara Ferreira. **Os novos movimentos sociais e as jornadas de junho no Brasil**, GT. Departamento de ciências Sociais, UFES, 2014.

Lei MARIA DA PENHA, Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acessado em: 03/05/18

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas** (org.). 2.ed., I reimpressão. — São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MOREIRA, Orlandil de Lima. SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima. **Vem pra rua, os protestos de junho. In: Jornadas de junho: repercussões e leituras ( livro eletrônico).** Campina Grande: EDUEPB, 2013.

MOREIRA, Talita Lucarelli. **Os Ecos das Manifestações de Junho de 2013 na cobertura da Folha de S.Paulo e no Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral de TV nas Eleições de 2014**. 2016. 137f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF, 2016.

MUTZENBERG, Remo. **Movimentos sociais no Brasil: Sentidos, Desafios e perspectivas contemporâneas**. III Conferência da IESE, setembro de 2012.

\_\_\_\_\_. **Ações coletivas, movimentos sociais: Aderências, Conflitos e Antagonismo Social**. Tese de doutorado defendida no PPGS-UFPE, Recife, 2002.

NETO, Ruy Bittencourt de Almeida. **As jornadas de Junho e a Criminalização midiática dos movimentos sociais**. UFRS. Porto alegre –RS, 2013.

RANGEL JUNIOR, Antonio Guedes. **Campina Grande hoje e amanhã**. [Livro Eletrônico]. 2. ed.- Campina Grande: EDUEPB, 2013.

ROCHA, Elizabeth de Menezes. **Documentário junho, o mês que abalou o Brasil, os movimentos sociais e a copa de 2014**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal - RN – 2 a 4/07/2015

ROLNIK, Raquel. As Vozes das Ruas de Junho e suas interpretações. In: **Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram conta das ruas do Brasil**. 2013, 142 p. Boitempo São Paulo-SP.

SILVA, Priscila Kalinke da. **Mídia e produção simbólica: a construção do torcedor-anfitrião no cenário da copa do mundo 2014 no Brasil**. Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo dos Campos-SP. 2017.

SOARES. Vera. **Movimento feminista. Paradigmas e desafios**. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, Ano 2, jul./dez. 1994.

VIANNA, Alexander Martins. **As Multidões de Junho de 2013, o desafio de explicar e compreender**. Revista espaço acadêmico. Julho de 2013.